DAN DUKE

Hebreus

SEIS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Hebreus

SEIS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

*Por **Dan Duke***

© Copyright 2026 por Dan Duke

www.thedanduke.com

1

Arrependimento de Obras Mortas

O PRIMEIRO FUNDAMENTO

Hebreus 6:1-2 identifica seis princípios fundamentais:

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno."

O primeiro fundamento costuma ser reduzido simplesmente a arrependimento. Mas não é isso que o texto diz.

O escritor não diz que a doutrina fundamental é o arrependimento em sentido geral. Ele dá ao arrependimento um objeto específico:

Arrependimento de obras mortas.

Essas palavras adicionais importam.

Certamente as Escrituras ensinam o arrependimento do pecado. Jesus pregou o arrependimento. João Batista pregou o arrependimento. Os apóstolos pregaram o arrependimento. Nenhuma leitura séria das Escrituras pode minimizar a necessidade de se afastar do pecado, da incredulidade, da rebeldia e da desobediência.

Mas Hebreus 6 está dizendo algo mais específico.

O primeiro princípio fundamental é uma mudança de mente, de direção e de confiança em relação às obras mortas.

Se removermos as palavras "obras mortas", podemos, sem querer, mudar a doutrina.

A pergunta, portanto, passa a ser:

O que é uma obra morta?

O que é uma obra morta?

Uma obra morta é uma obra que não possui poder para comunicar vida.

Ela pode ser religiosa.
Pode ser sincera.
Pode ser disciplinada.

Pode envolver sacrifício, esforço, moralidade, cerimônia, observância da lei ou devoção pessoal.

Mas, se não pode produzir a vida de Deus, justificar o pecador, purificar a consciência ou reconciliar uma pessoa com Deus, ela é, em última análise, uma obra morta.

Em seu sentido mais fundamental, uma obra morta é qualquer coisa que eu faço na tentativa de realizar por mim mesmo aquilo que somente Jesus Cristo pode realizar por mim.

É a minha tentativa de salvar a mim mesmo.
Minha tentativa de justificar a mim mesmo.
Minha tentativa de purificar a mim mesmo.
Minha tentativa de me tornar aceitável a Deus.
Minha tentativa de estabelecer justiça pelo meu próprio desempenho.

Essa obra pode parecer honrosa, mas, se estou confiando nela para produzir o que só pode vir por meio de Cristo, ela está morta.

O problema não é necessariamente que a obra em si seja má.

O problema é que não há vida nela.

Uma pessoa pode cometer um ato obviamente pecaminoso, e as Escrituras chamam isso de pecado.
Mas uma pessoa também pode realizar um ato religioso

exteriormente justo e depositar sua confiança nesse ato, e não em Cristo.

Hebreus nos chama a nos arrepender de tais obras.

O contexto de Hebreus

Essa linguagem fica especialmente clara quando lembramos a quem Hebreus foi escrito.

O livro inteiro contrasta repetidamente a antiga ordem da aliança com o novo e vivo caminho aberto por meio de Jesus Cristo.

Sob a antiga aliança havia sacerdotes, sacrifícios, abluções, ordenanças, ofertas, dias de festa, tabernáculos e cerimônias repetidas.

Essas coisas não eram originalmente pecaminosas.

O próprio Deus as instituiu.

O problema não era que a Lei fosse má.

O problema era que a Lei nunca poderia comunicar a vida e a perfeição para as quais ela apontava.

Hebreus diz claramente a respeito dos sacrifícios:

"Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados." Hebreus 10:4

Aqueles sacrifícios podiam apontar para a redenção.

Podiam testificar a respeito da redenção.

Podiam prefigurar a redenção.

Mas não podiam realizar a redenção final da humanidade.

Somente Jesus podia fazer isso.

Portanto, uma vez que a substância havia chegado, voltar à sombra como base da justiça não era progresso espiritual.

Era um movimento para trás.

Era confiar em uma forma que jamais poderia comunicar vida.

O ministério da morte

Paulo usa uma linguagem forte a respeito da Antiga Aliança em 2 Coríntios 3.

Ele contrasta o ministério do Espírito com aquilo que chama de:

"o ministério da morte, gravado com letras em pedras".

É uma linguagem incomumente direta.

A Lei era santa, justa e boa, mas podia identificar o pecado sem comunicar a vida necessária para vencê-lo.

Podia ordenar a justiça sem criar justiça no coração humano.
Podia revelar o padrão sem transformar a pessoa.

Paulo, portanto, contrasta:

a letra que mata

com o Espírito que dá vida.

Isso não significa que tudo o que aparece no Antigo Testamento esteja morto.

Abraão viveu pela fé.

Davi conheceu a presença de Deus.

Moisés encontrou-se com Deus face a face.

Os profetas falaram pelo Espírito.
As próprias Escrituras são testemunho vivo.
A questão é de aliança.

A antiga aliança podia expor o pecado, regular a conduta e apontar profeticamente para Cristo, mas não podia levar a criação à plenitude de vida realizada por meio da Nova Aliança.

A vida sempre esteve em Deus.
A Lei apontava para essa vida.

Jesus é essa vida.

Portanto, tentar obter vida por meio daquilo que só podia apontar para a vida é uma obra morta.

Obras mortas podem ser muito religiosas

Isso é importante porque a maioria das pessoas provavelmente imagina as obras mortas como atos pecaminosos.

Mas Hebreus está se dirigindo a pessoas religiosas.

Isso muda consideravelmente a ênfase.

Obras mortas não são apenas coisas ruins que as pessoas deveriam parar de fazer.

Algumas obras mortas podem parecer extremamente boas.

O próprio Paulo oferece talvez o exemplo mais claro.

Antes de encontrar Jesus, ele não era um homem irreligioso.

Era extraordinariamente religioso.
Ele podia dizer:

"Segundo a justiça que há na lei, irrepreensível." - Filipenses 3:6

Ele possuía linhagem, educação, disciplina, zelo, circuncisão, identidade de aliança e realização religiosa.

No entanto, depois de encontrar Cristo, ele disse:

"Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo."

Paulo não se arrependeu apenas de pecados óbvios.

Ele se arrependeu de sua confiança em suas realizações religiosas.

Isso é arrependimento de obras mortas.

As obras nas quais Paulo antes havia depositado confiança não podiam lhe dar vida.

Não podiam justificá-lo.
Não podiam estabelecê-lo em justiça diante de Deus.

Por isso ele abandonou a confiança nelas para ser:

"achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo".

Essa é uma das descrições mais claras do arrependimento de obras mortas no Novo Testamento.

Paulo mudou de mente sobre o que poderia torná-lo justo.

Ele mudou o lugar de sua confiança.
Ele passou de:

minha justiça

para:

a justiça dele.

Isso é o cristianismo fundamental.

Arrependimento é uma mudança de mente

A palavra grega comumente traduzida como arrependimento é metanoia.

Em seu centro está a ideia de uma mudança de mente - uma reorientação interior fundamental que produz uma direção diferente.

O arrependimento bíblico é, portanto, muito mais profundo do que sentir pesar.

Não é apenas remorso.
Não é culpa religiosa.
Não é prometer a Deus que vou me esforçar mais.
Não é modificação de comportamento.

O verdadeiro arrependimento muda aquilo em que eu creio.

E, como minhas ações acabam revelando aquilo em que eu realmente creio, o arrependimento genuíno, por fim, produz uma maneira diferente de viver.

Arrependimento de obras mortas significa, portanto, que eu mudo de mente a respeito da capacidade das minhas obras de produzir justiça e vida.

Deixo de confiar em mim mesmo como meu próprio redentor.

Abandono a ilusão de que um esforço religioso suficiente pode realizar o que somente Cristo pode realizar.

Isso explica por que os dois primeiros fundamentos de Hebreus 6 andam juntos:

arrependimento de obras mortas

e fé em Deus.

Eu me afasto de uma confiança para depositar minha confiança em outro lugar.
Eu me afasto das obras mortas.
Eu me volto para Deus.

O movimento não é apenas de um mau comportamento para um bom comportamento.

É da autoconfiança para a confiança em Deus.

Da justiça própria para a justiça de Cristo.
Do esforço humano como fonte de vida para o próprio Deus como fonte de vida.

A consciência precisa ser purificada das obras mortas

Hebreus usa a expressão "obras mortas" mais uma vez, e essa ocorrência é extremamente importante.

Hebreus 9:14 diz:

"Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?"

Esse versículo nos dá outra chave para entender Hebreus 6.

Observe que o sangue de Cristo não purifica apenas o registro.

Ele purifica a consciência das obras mortas.

Por quê?

Para que possamos:

servir ao Deus vivo.

Isso estabelece um contraste notável:

obras mortas

versus o Deus vivo.

A resposta às obras mortas não é a inatividade.
A resposta é o serviço vivo que flui de uma consciência

purificada.

O cristianismo, portanto, não é uma mensagem de que as obras não importam.

É uma mensagem a respeito da fonte das obras.

Obras mortas se originam de uma tentativa de produzir vida.

Obras vivas procedem da vida já recebida.

Essa distinção muda tudo.

Não trabalhamos para obter vida; trabalhamos a partir da vida

A religião continuamente nos tenta a inverter a ordem do evangelho.

A religião diz:

Tenha desempenho, e talvez Deus o aceite.

Melhore a si mesmo, e talvez Deus o receba.

Faça o suficiente, e talvez você se torne justo.

Obedeça o bastante, e talvez você se qualifique para a vida.

O evangelho inverte a ordem.

Em Cristo, Deus dá a vida.

E, porque recebemos a vida, agora vivemos.

Não obedecemos para nos tornar filhos.
Obedecemos porque fomos recebidos como filhos.
Não servimos para conquistar acesso.
Servimos porque o acesso foi aberto.
Não temos desempenho para estabelecer justiça.
Damos o fruto da justiça que recebemos em Cristo.

Efésios 2 expressa a ordem de forma bela:

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé... não vem das obras, para que ninguém se glorie."

Mas Paulo não para por aí.

Logo em seguida ele diz:

"Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras."

Observe a ordem.

Não:

boas obras -> salvação

mas:

salvação -> boas obras.

Não somos salvos pelas obras.
Somos salvos para as boas obras.

As obras não desapareceram.

A fonte delas mudou.

O propósito delas mudou.

A relação delas com a salvação mudou.

Boas obras são o fruto da vida.

Obras mortas são a tentativa de fabricar vida.

A diferença entre obras mortas e boas obras

Uma obra não pode necessariamente ser classificada como viva ou morta simplesmente pela observação da ação exterior.

Duas pessoas podem realizar exatamente a mesma ação por razões totalmente diferentes.

Duas pessoas podem dar dinheiro.

Uma dá por gratidão e amor.

Outra dá porque crê que sua oferta compra o favor divino.

A ação exterior é semelhante.
O fundamento interior é totalmente diferente.

Duas pessoas podem jejuar.

Uma jejua porque deseja comunhão sem distrações com Deus.

Outra jejua crendo que o próprio sofrimento obriga Deus a respondê-la.

Mesma ação.

Fonte diferente.

Duas pessoas podem ler as Escrituras.

Uma lê porque a Palavra é vida e ela deseja conhecer Jesus.

Outra lê principalmente para acumular mérito religioso ou provar que é superior aos outros.

Mesma Bíblia.

Mesma atividade.

Vida diferente.

Uma obra se torna morta quando é desconectada da vida de Deus e usada como substituta da dependência dele.

É por isso que o Novo Testamento trata continuamente de motivações, fé, amor e do coração.

Deus não está apenas formando um comportamento correto.

Ele está criando um povo cuja vida procede da união com Cristo.

A crise dos gálatas

As igrejas da Galácia oferecem outro exemplo poderoso.
Os gálatas haviam recebido Cristo pela fé.

Haviam recebido o Espírito.

No entanto, depois disso estavam sendo persuadidos de que algo mais precisava ser acrescentado a Cristo para completar sua posição diante de Deus.

Paulo responde de forma incisiva:

"Sois vós tão insensatos? Tendo começado pelo Espírito, acabais agora pela carne?" Gálatas 3:3

Essa pergunta atinge diretamente a questão das obras mortas.

Eles haviam começado pelo Espírito.

A vida já havia sido dada.

No entanto, estavam sendo persuadidos a voltar ao desempenho carnal, como se o esforço humano pudesse completar o que o Espírito havia começado.

Paulo rejeita a premissa.

Cristo mais a realização religiosa humana não é um evangelho melhorado.

É outro evangelho.

No momento em que creio que Jesus me levou apenas parte do caminho e que meu desempenho religioso precisa completar a obra, comecei a voltar às obras mortas.

A questão não é apenas a circuncisão.
A questão mais profunda é a confiança.

Onde está a minha confiança?

Em Cristo?

Ou em Cristo mais alguma coisa que eu preciso contribuir para me tornar aceitável?

A resposta de Paulo é inflexível:

"Porque, em Jesus Cristo, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim a fé que opera por caridade." - Gálatas 5:6

A distinção religiosa exterior já não determina a posição diante de Deus.

Cristo determina.

A carne não pode aperfeiçoar o que o Espírito começou

Esse princípio vai muito além do judaísmo do primeiro século.

Cristãos podem criar novas formas de obras mortas tão facilmente quanto as pessoas sob a antiga ordem religiosa.

Podemos transformar a oração em obra morta.

A contribuição em obra morta.

A frequência à igreja em obra morta.

A leitura da Bíblia em obra morta.

O jejum em obra morta.

O ministério em obra morta.

Até a pregação pode se tornar uma obra morta.

Não porque qualquer uma dessas coisas seja intrinsecamente morta.

Elas se tornam mortas quando tentamos extrair da própria atividade aquilo que só pode vir da comunhão com o Deus vivo.

Uma disciplina religiosa não contém vida de forma independente.

Jesus contém.

As Escrituras testificam dele.

A oração nos leva à comunhão com ele.

A adoração responde a ele.

A contribuição expressa a natureza dele.

O serviço participa do propósito dele.

Mas, quando a prática se separa da Pessoa, a forma pode permanecer enquanto a vida desaparece.

Esse é um dos maiores perigos da religião.

A estrutura pode continuar por muito tempo depois que a vida se foi.
O vocabulário pode permanecer.

Os cânticos podem permanecer.
Os sermões podem permanecer.
As reuniões podem permanecer.
A organização pode permanecer.
A reputação pode permanecer.

E, ainda assim, Jesus pode dizer:

"Tens nome de que vives e estás morto." - Apocalipse 3:1

Atividade não é necessariamente evidência de vida.

Vida é evidência de vida.

O irmão mais velho e as obras mortas

A parábola de Jesus sobre o filho pródigo contém outra imagem desse problema.

O filho mais novo claramente pecou.

Sua rebeldia era visível.

Ele deixou a casa do pai, desperdiçou sua herança e, por fim, caiu em si.

A maioria das pessoas identifica facilmente a necessidade de arrependimento dele.

Mas o irmão mais velho tinha um problema diferente.

Ele permaneceu em casa.
Trabalhou.
Obedeceu.
Serviu.

No entanto, quando o pai celebrou a restauração do filho mais novo, o irmão mais velho disse:

"Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento..."

Então veio a queixa reveladora:

"...e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos."

Ele estivera na casa do pai enquanto pensava como um servo tentando conquistar uma recompensa.

O pai respondeu:

"Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas."

Essa é uma imagem poderosa.

O filho estava trabalhando por algo que já lhe pertencia pelo relacionamento.

Seu trabalho havia se separado de sua identidade.

Ele estava funcionando como se a aceitação dependesse do desempenho.

O irmão mais novo precisava se arrepender de uma rebeldia evidente. O irmão mais velho precisava se arrepender de um tipo diferente de obra morta.

Um estava perdido fora de casa.

O outro estava perdido em seu entendimento enquanto permanecia dentro dela.

Obras mortas podem existir muito perto do Pai.

A grande tentação religiosa

A grande tentação da humanidade caída não é apenas rebelar-se contra Deus.

É também tentar tornar-se justa sem depender completamente dele.

Os seres humanos querem algo que possam medir.

Algo que possam realizar.

Algo que possam comparar.

Algo que possam controlar.

O evangelho remove a jactância porque coloca a salvação inteiramente em Jesus Cristo.

Paulo pergunta:

"Onde está, logo, a jactância? É excluída."

Por quê?

Porque a graça destrói a ilusão de que eu sou a minha própria fonte.

Graça não significa que eu me torno passivo.

Graça significa que tudo começa com Deus.

A vida começa com Deus.

A justiça começa com Deus.

A salvação começa com Deus.

A fé responde a Deus.

O amor responde a Deus.

A obediência responde a Deus.

As boas obras respondem a Deus.

A vida cristã é resposta antes de ser realização.

Caim e Abel

O princípio pode ser visto muito cedo nas Escrituras.

Caim e Abel trouxeram ofertas.

Ambos estavam fazendo algo religioso.

No entanto, Hebreus diz:

"Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim."

A questão não era simplesmente que um irmão trouxe algo e o outro não.

Ambos se aproximaram de Deus.

Mas a oferta de Abel foi pela fé.

Essa distinção é fundamental.

A atividade religiosa sem fé jamais pode se tornar um substituto do relacionamento com Deus.

A questão fundamental não é apenas:

O que estou fazendo?

É:

A partir de que fonte estou fazendo isso, e em que estou confiando?

A fé abre espaço para que Deus seja a fonte.

As obras mortas tentam fazer do homem a fonte.

Arrependimento da autossalvação

Talvez a maneira mais simples de expressar o primeiro fundamento seja esta:

Preciso me arrepender de toda tentativa de ser o meu próprio salvador.

Isso é mais profundo do que abandonar uma cerimônia religiosa específica.

Atinge o instinto interior da humanidade caída.

Não posso redimir a mim mesmo.
Não posso justificar a mim mesmo.
Não posso purificar a minha própria consciência.

Não posso gerar vida eterna.
Não posso produzir filiação.
Não posso estabelecer a minha própria justiça.
Não posso me aperfeiçoar pelo esforço carnal.

Jesus não está apenas me ajudando a salvar a mim mesmo.

Ele é o Salvador.

A cruz não é a contribuição de Deus somada à minha.
A cruz é o ato decisivo de redenção de Deus.

Portanto, arrependimento de obras mortas significa renunciar a toda pretensão de que algo originado em mim possa substituir, completar ou melhorar a obra consumada de Jesus Cristo.

Isso não produz libertinagem

Alguns podem objetar imediatamente que tal ensino diminui a obediência.

Paulo enfrentou a mesma acusação.

Se a justiça é recebida pela graça, isso significa que o comportamento já não importa?

De modo nenhum.

A graça não remove a obediência.

A graça muda a fonte dela.

Jesus disse:

"Se me amardes, guardareis os meus mandamentos."

O amor vem primeiro.

O relacionamento vem primeiro.

A vida vem primeiro.

Então a obediência se torna a expressão dessa vida.

Paulo escreveu:

"O amor de Cristo nos constrange."

Há uma diferença profunda entre ser movido pelo medo para conquistar aceitação e ser movido pelo amor porque a aceitação já foi recebida.

Ambas as pessoas podem obedecer.

Mas uma obedece como escravo tentando garantir sua posição.

A outra obedece como filho expressando a natureza do Pai.

Essa distinção não é pequena.

É a diferença entre a morte e a vida.

Obras vivas fluem da união

Jesus descreveu o princípio em João 15:

"Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto... assim também vós, se não estiverdes em mim."

O ramo produz fruto.

Jesus espera fruto.

Mas o ramo não cria sua própria vida.

Sua fecundidade depende inteiramente da união com a videira.

Essa talvez seja uma das imagens mais claras do arrependimento de obras mortas.

O ramo precisa abandonar toda ilusão de fecundidade independente.

Jesus diz:

"Sem mim nada podereis fazer."

Isso não significa que os seres humanos não realizam nenhuma atividade.

Significa que nada da vida eterna pode ser produzido independentemente dele.

As obras vivas, portanto, surgem do permanecer.

Da comunhão.
Da união.
Do Espírito.
Da graça.
De Cristo em nós.

Paulo expressa a mesma realidade:

"Tenho trabalhado muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo." - 1 Coríntios 15:10

Paulo trabalhou extraordinariamente.

A graça não o tornou inativo.

Mas Paulo entendia a fonte.

"Tenho trabalhado..."

No entanto:

"não eu..."

Isso é obra viva.

Das obras mortas ao serviço ao Deus vivo

Hebreus 9:14 reúne todo o princípio:

O sangue de Cristo purifica a nossa consciência das obras mortas para que possamos servir ao Deus vivo.
O objetivo do arrependimento de obras mortas não é o abandono da responsabilidade.

É a restauração ao verdadeiro serviço.

Paramos de tentar trabalhar para obter vida para que finalmente possamos trabalhar a partir da vida.
Paramos de tentar garantir aceitação para que possamos servir a partir da aceitação.
Paramos de tentar fabricar justiça para que a justiça possa dar seu fruto por meio de nós.
Paramos de tentar ser a nossa própria fonte para que a vida de Jesus se torne visível em nós.

É por isso que o arrependimento de obras mortas pertence ao fundamento.

Até que essa questão esteja resolvida, tudo o que for construído sobre ela será instável.

Uma pessoa que não entende isso pode passar uma vida cristã inteira tentando conquistar o que Jesus já deu.

Ela pode orar a partir da insegurança.

Servir a partir da insegurança.

Contribuir a partir da insegurança.

Pregar a partir da insegurança.

Obedecer a partir da insegurança.

Trabalhar a partir da insegurança.

E então chamar todo esse processo exaustivo de cristianismo.

Mas o fundamento diz o contrário.

Arrependa-se das obras mortas.

Mude de mente sobre de onde vem a vida.

Mude de mente sobre o que torna você justo.

Mude de mente sobre o que lhe dá acesso a Deus.

Mude de mente sobre o que purifica a sua consciência.

Mude de mente sobre quem salva você.

Jesus salva.

O fundamento precisa continuar sendo o fundamento

Hebreus diz que esses princípios pertencem ao fundamento.

Um fundamento não é algo que abandonamos porque amadurecemos.

Deixamos de lançá-lo repetidamente, mas tudo o que é construído depois continua repousando sobre ele.

Portanto, o arrependimento de obras mortas não é apenas a mensagem que damos aos incrédulos no início da conversão.

Ele continua sendo essencial para a vida cristã madura.

A tentação de voltar ao esforço próprio não desaparece simplesmente porque alguém anda com Deus há muitos anos.

Na verdade, a maturidade religiosa às vezes pode oferecer formas mais sofisticadas de autossuficiência.

Podemos começar a confiar em nossa experiência.

Em nossa revelação.
Em nossa teologia.
Em nossa disciplina.
Em nossas realizações ministeriais.
Em nossa reputação.
Em nossos anos de serviço.
Em nossos dons espirituais.
Em nossos sacrifícios.

Mas nenhuma dessas coisas é Jesus.

Paulo tinha credenciais espirituais extraordinárias e, ainda assim, continuava a dizer:

"Para conhecê-lo."

O crente maduro não supera a dependência.

Ele se aprofunda nela.

O primeiro fundamento

O primeiro fundamento é, portanto, consideravelmente mais radical do que a afirmação:

Arrependa-se dos seus pecados.

Essa afirmação é verdadeira, mas Hebreus diz algo mais preciso.

Arrependa-se das obras mortas.

Abandone a confiança em tudo o que é incapaz de comunicar vida.

Afaste-se de toda tentativa de justificar a si mesmo.

Afaste-se de toda tentativa de redimir a si mesmo.

Afaste-se de toda tentativa de purificar a si mesmo.

Afaste-se do desempenho religioso como meio de garantir aceitação.

Afaste-se da carne como suposto meio de completar o que o Espírito começou.

Afaste-se da confiança em cerimônias, linhagem, lei, realizações, disciplina ou reputação religiosa.

E volte-se para o Deus vivo.

O primeiro fundamento nos prepara para o segundo:

fé em Deus.

Não posso realmente repousar minha fé em Deus enquanto continuo depositando a confiança suprema em mim mesmo.

Uma confiança precisa dar lugar à outra.

O arrependimento de obras mortas remove o falso fundamento.

A fé em Deus estabelece o verdadeiro.

A vida cristã, portanto, começa com uma rendição profunda:

Eu não sou o meu próprio salvador.

Jesus é.

Eu não produzo a vida de Deus.
Eu a recebo.
Eu não estabeleço a justiça.
Eu recebo a justiça em Cristo.
Eu não conquisto o acesso.

Jesus abriu o caminho.

Eu não trabalho para me tornar vivo.

Porque fui vivificado nele, agora posso servir ao Deus vivo.

Isso não é passividade.
Isso é a vida da Nova Aliança.

E é por isso que o escritor de Hebreus coloca o arrependimento de obras mortas em primeiro lugar.

Antes que a estrutura se levante, o fundamento precisa estar firmado.

A vida não pode ser conquistada.

A vida precisa ser recebida.

E, uma vez recebida, essa vida dará fruto.

2

Fé em Deus

O SEGUNDO FUNDAMENTO

Hebreus 6:1-2 identifica seis princípios fundamentais:

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." - Hebreus 6:1-2

O segundo fundamento

A fé em Deus não é uma doutrina isolada, colocada aleatoriamente ao lado do arrependimento de obras mortas. Os dois primeiros fundamentos andam juntos. O arrependimento nos afasta de uma falsa fonte de confiança; a fé nos volta para a verdadeira fonte.

O arrependimento de obras mortas muda o lugar da minha confiança.

A fé em Deus estabelece onde a minha confiança agora repousa.

O movimento não é simplesmente de um mau comportamento para um bom comportamento. É da autossuficiência para a dependência de Deus, da confiança no mérito humano para a confiança em Deus, da tentativa de produzir vida para o receber a vida daquele que vive.

Hebreus 6 não diz apenas fé. Diz fé em Deus. A direção importa. A fé bíblica tem um objeto. Não é fé na fé, fé na nossa confissão, fé na nossa capacidade de crer ou fé em um sistema religioso. É fé voltada para o próprio Deus.

A fé é relacional antes de ser transacional

O Novo Testamento não apresenta a fé principalmente como uma técnica para obter resultados desejados. A fé é, antes de

tudo, um relacionamento de confiança. Cremos em Deus por causa de quem Ele é. Entregamo-nos a Ele porque Ele é fiel.

"É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam." - Hebreus 11:6

O versículo começa com o próprio Deus: Ele existe. Antes de a fé perguntar o que Deus fará, ela repousa em quem Deus é. A fé não é, em primeiro lugar, um instrumento para adquirir coisas de Deus. É a resposta do coração à revelação de Deus.

É por isso que Abraão se torna o grande exemplo bíblico de fé. Sua fé não era confiança em circunstâncias favoráveis. Na verdade, as circunstâncias contradiziam a promessa. Sua fé era confiança naquele que havia falado.

"E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus; e estando certíssimo de que o que ele tinha prometido também era poderoso para o fazer." - Romanos 4:20-21

O centro da fé de Abraão não era o seu próprio crer. O centro era a capacidade e a fidelidade de Deus. Ele estava plenamente convicto a respeito de Deus.

A fé vem por ouvir a Deus

"De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus." - Romanos 10:17

A fé não se origina da determinação humana. Não fabricamos fé por meio de intensidade emocional. A fé é despertada quando Deus é ouvido.

O padrão em todas as Escrituras é revelação e resposta. Deus fala; a fé responde. Deus se revela; a fé confia. Deus promete; a fé repousa no caráter daquele que prometeu.

Isso nos protege da presunção. A presunção decide o que Deus deve fazer e depois chama a sua insistência de fé. A fé bíblica começa ouvindo. Ela não força Deus a concordar com os nossos desejos; ela nos leva a concordar com aquilo que Deus revelou.

Portanto, uma das perguntas mais importantes na vida de fé não é apenas: "Em que eu quero crer?", mas: "O que Deus disse?" A fé em Deus está sempre ancorada na verdade de Deus.

A fé e a fidelidade de Deus

A nossa fé repousa sobre a fidelidade dele. A fé humana pode oscilar, mas o caráter de Deus não.

"Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor." - 1 Coríntios 1:9

"Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu." - Hebreus 10:23

O escritor de Hebreus não nos diz para retermos firmes porque somos fortes. Ele nos diz para retermos firmes porque fiel é aquele que prometeu. A força da fé não é medida, em última análise, pela força da pessoa que crê, mas pela confiabilidade daquele em quem a fé repousa.

É por isso que a fé pode sobreviver à fraqueza. Uma mão trêmula pode receber uma promessa forte. A questão decisiva não é a perfeição da mão; é a confiabilidade daquele que fala.

A fé é mais do que concordância mental

A fé bíblica certamente inclui crer na verdade, mas é mais do que assentimento intelectual. Tiago nos lembra que até os demônios podem crer em certos fatos sobre Deus e estremecer. A fé viva, a fé que salva, envolve confiança, dependência e resposta.

A ideia hebraica por trás de confiar carrega repetidamente o sentido de apoiar-se, depender ou colocar o próprio peso sobre outro. Fé em Deus significa que o peso da minha vida é cada vez mais colocado sobre Ele.

É por isso que a fé produz obediência. A obediência não compra a promessa; ela revela confiança naquele que promete.

"Pela fé, Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia." - Hebreus 11:8

O movimento de Abraão não criou a promessa. O seu movimento revelou que ele cria naquele que fez a promessa.

Fé e obras: a ordem importa

Como o primeiro fundamento é o arrependimento de obras mortas, precisamos ser precisos quando falamos de obras. O Novo Testamento não opõe a fé a toda ação. Ele opõe a fé às obras usadas como base para a autojustificação.

Paulo diz que uma pessoa é justificada pela fé, sem as obras da lei. Tiago diz que a fé sem obras é morta. Não há contradição quando a ordem é compreendida.

Obras mortas tentam produzir vida. Obras vivas procedem da vida recebida pela fé.

Paulo rejeita as obras como base da nossa aceitação. Tiago rejeita uma suposta fé que não produz nenhuma resposta viva. Paulo trata da raiz da justificação. Tiago trata do fruto da fé genuína.

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé... não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras." - Efésios 2:8-10

A ordem é decisiva: graça, fé, nova criação, boas obras. As obras não são a raiz da vida; são o seu fruto.

Fé em Deus e acesso

A fé em Deus é inseparável do acesso. Hebreus fala repetidamente de aproximar-se. O sangue de Jesus abriu um novo e vivo caminho, e a fé responde vindo.

"Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus... cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé." - Hebreus 10:19,22

Observe a sequência. O acesso é realizado por meio do sangue. A fé não abre o caminho; Jesus abriu o caminho. A fé recebe o que Jesus abriu e se aproxima.

Isso mantém a fé centrada em Cristo. Não creio com força suficiente para criar acesso. Creio porque o acesso foi estabelecido. A fé diz sim à obra consumada de Jesus.

Nesse sentido, a fé não é uma tentativa de persuadir Deus a se tornar favorável a mim. A fé desperta para o favor revelado em Jesus Cristo e se aproxima de acordo com ele.

Fé em Deus é fé por meio de Jesus

A fé cristã em Deus nunca é uma espiritualidade indefinida. Jesus é a revelação do Pai e o caminho para a presença do Pai.

"Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim." - João 14:6

"E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus." - 1 Pedro 1:21

A linguagem de Pedro é especialmente importante: por Ele cremos em Deus. Jesus não nos distrai da fé em Deus; Ele torna

essa fé possível e lhe dá o seu conteúdo mais claro.

O Pai é conhecido no Filho. O caráter de Deus é revelado em Jesus. A cruz revela o seu amor. A ressurreição revela a sua vitória. A exaltação de Jesus revela para onde a história caminha.

A fé é confiança presente e esperança futura

"Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem." - Hebreus 11:1

A fé vive no presente enquanto abraça o que ainda não é visível. Ela dá substância presente à esperança futura porque repousa na promessa de Deus.

Isso não significa que a fé nega os fatos presentes. Abraão não fingiu que seu corpo era jovem. A fé bíblica pode olhar diretamente para a contradição e, ainda assim, dar maior peso à palavra de Deus.

A fé, portanto, não é negação. É proporção. Ela atribui peso decisivo a Deus. As circunstâncias são reais, mas não são definitivas. Os sentimentos são reais, mas não são Senhor. O visível é real, mas não esgota a realidade.

Essa é uma das razões pelas quais o foco importa tanto. Aquilo que contemplo continuamente tende a determinar o que cresce na minha percepção. A fé não ignora a dificuldade; ela se recusa a permitir que a dificuldade se torne maior do que Deus.

A fé se expressa por meio do amor

"Porque, em Jesus Cristo, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim a fé que opera por caridade." - Gálatas 5:6

A fé que está genuinamente voltada para Deus assumirá cada vez mais o caráter do Deus para quem está voltada. Como Deus é amor, a fé madura não pode permanecer sem amor.

Isso é crucial porque a confiança espiritual sem amor pode se tornar dura, orgulhosa ou manipuladora. O Novo Testamento não separa a fé da formação de um caráter semelhante ao de Cristo.

Primeira Coríntios 13 deixa explícito que uma fé extraordinária, capaz de mover montanhas, se separada do amor, deixa a pessoa como nada. Portanto, a fé em Deus não é apenas poder voltado para resultados. É uma confiança que nos leva à comunhão com Deus e gradualmente nos conforma à sua natureza.

Fé, dúvida e um coração indiviso

O oposto da fé não é necessariamente a presença de uma pergunta. Muitas pessoas nas Escrituras fizeram perguntas sinceras enquanto continuavam a se mover em direção a Deus. O perigo mais profundo é uma confiança dividida - tentar se apoiar em direções opostas ao mesmo tempo.

Tiago descreve a pessoa de ânimo dobre como inconstante. Jesus repetidamente chamou as pessoas do medo para a confiança. A questão é onde o coração finalmente repousa.

A fé pode dizer: "Eu creio, Senhor! Ajuda a minha incredulidade." Essa oração não é hipocrisia. É uma pessoa levando sua fraqueza para perto de Jesus, e não para longe dele.

O fundamento não é que eu nunca experimentarei incerteza. O fundamento é que a incerteza não se torna o meu deus. Eu continuo me voltando para Deus.

A fé precisa se tornar um modo de vida

"O justo viverá da fé." - Romanos 1:17; Gálatas 3:11; Hebreus 10:38

A fé não é apenas a porta pela qual entramos na vida cristã. É a atmosfera na qual os justos vivem. Começamos pela fé e continuamos pela fé.

Isso responde diretamente ao erro dos gálatas. Não começamos pelo Espírito para depois amadurecer pela carne. O crente maduro não se forma na dependência de Deus para deixá-la para trás. A maturidade aprofunda a dependência.

Portanto, o segundo fundamento permanece ativo ao longo de toda a vida. Cada nova responsabilidade, cada transição, cada perda, cada promessa, cada ato de obediência faz a mesma pergunta de fundo: onde está a minha confiança?

O segundo fundamento na prática

Fé em Deus significa que aprendo cada vez mais a colocar o peso da minha vida sobre quem Deus se revelou ser em Jesus Cristo.

Significa que ouço antes de presumir. Confio antes de ver. Obedeço porque confio. Aproximo-me porque Jesus abriu o caminho. Trabalho a partir da vida, e não para obter vida. Recuso-me a fazer das circunstâncias, do medo, do desempenho religioso ou do meu próprio entendimento a autoridade final.

O arrependimento de obras mortas diz: eu não sou a minha própria fonte.

A fé em Deus diz: Deus é a minha fonte.

A fé não torna Deus fiel. A fé descobre que Ele já é. A fé não cria a obra consumada. A fé a recebe. A fé não fabrica acesso. A fé entra no acesso que Jesus abriu.

É por isso que a fé em Deus pertence ao fundamento. Tudo o que vem a seguir - batismos, imposição de mãos, ressurreição, juízo - precisa ser recebido e compreendido a partir dessa postura de confiança em Deus.

Principais passagens para estudo adicional

Hebreus 6:1-2 - os dois primeiros fundamentos colocados juntos

Hebreus 11:1-6 - a natureza e a necessidade da fé

Romanos 4:1-25 - Abraão plenamente convicto a respeito de Deus

Romanos 10:8-17 - a fé que vem pelo ouvir

Hebreus 10:19-23 - acesso e inteira certeza de fé

1 Pedro 1:18-21 - por meio de Jesus, a nossa fé e esperança estão em Deus

Efésios 2:8-10 - salvos pela graça mediante a fé, criados para as boas obras

Tiago 2:14-26 - a fé viva revelada pelas obras

Gálatas 3:1-14 - começar e continuar pela fé

Gálatas 5:6 - a fé que opera por meio do amor

Marcos 9:24 - crer enquanto levamos a nossa fraqueza a Jesus

2 Coríntios 5:7 - andar por fé, e não por vista

3

Doutrina dos Batismos

O TERCEIRO FUNDAMENTO

Hebreus 6:1-2 identifica seis princípios fundamentais:

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." - Hebreus 6:1-2

O terceiro fundamento

Hebreus não diz "a doutrina do batismo", no singular. Diz a doutrina dos batismos - no plural. Esse detalhe merece ser respeitado.

O terceiro fundamento não é apenas o batismo nas águas.

É a doutrina dos batismos.

A palavra grega é baptismōn, uma forma plural. A mesma família de palavras pode se referir a imersões, abluções ou batismos. No próprio livro de Hebreus, uma linguagem relacionada é usada para as abluções cerimoniais. Isso significa que não devemos tratar o plural com descuido.

Ao mesmo tempo, Hebreus 6 chama essas questões de "rudimentos da doutrina de Cristo". No Novo Testamento aparecem várias realidades batismais distintas. Um tratamento cuidadoso deve, portanto, fazer duas coisas ao mesmo tempo: reconhecer o pano de fundo judaico das abluções rituais e também reconhecer a revelação mais plena da Nova Aliança sobre o batismo em relação a Jesus, ao Espírito, ao corpo de Cristo, à água e até ao sofrimento.

O propósito deste capítulo não é forçar todo uso da palavra em uma única categoria. É enxergar as principais realidades batismais do Novo Testamento e como elas se relacionam entre si.

O que significa batizar?

A imagem básica do batismo é a imersão - ser colocado dentro de algo, ser envolvido por algo ou identificado com algo. A força da imagem está na transição. A pessoa não apenas fica ao lado da água; ela é levada para dentro dela.

O batismo, portanto, fala naturalmente de identificação, participação e transição de uma esfera para outra.

É por isso que o Novo Testamento pode usar a linguagem do batismo de maneiras diferentes. A água pode ser o elemento. O Espírito Santo pode ser Aquele em quem ou por quem a pessoa é imersa. Cristo pode ser a esfera de identificação. O sofrimento pode ser descrito como um batismo porque a pessoa é tragada por ele.

A ideia unificadora não é o elemento físico em si. É a imersão e a identificação.

O pano de fundo: as abluções sob a antiga ordem

Hebreus foi escrito a pessoas profundamente familiarizadas com a vida ritual judaica. A Lei continha numerosas abluções ligadas à purificação, ao serviço sacerdotal, à impureza corporal e à aproximação cerimonial.

Hebreus 9:10 fala de "comidas, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção".

A palavra traduzida como "abluções" vem da mesma família de palavras de batismo. Portanto, o plural "batismos" em Hebreus 6 teria naturalmente ressoado em leitores que conheciam múltiplas imersões e abluções rituais.

Mas Hebreus insiste que a antiga ordem era provisória. Aquelas abluções podiam purificar cerimonialmente, mas não podiam

aperfeiçoar a consciência. Elas apontavam para além de si mesmas, para a purificação maior realizada em Cristo.

Isto é importante: a doutrina dos batismos começa em continuidade com as imagens bíblicas de ablução, mas não pode terminar ali. Jesus traz a realidade para a qual as sombras apontavam.

O batismo de João: um batismo de arrependimento

João Batista aparece no limiar da Nova Aliança anunciando o Reino e chamando Israel ao arrependimento.

"Apareceu João batizando no deserto e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados." - Marcos 1:4

O batismo de João não era apenas mais uma ablução cerimonial. Ele carregava urgência profética. Marcava uma mudança de coração e uma preparação para Aquele que estava vindo.

No entanto, João foi explícito ao dizer que seu batismo era preparatório e incompleto em relação a Jesus.

"Eu, em verdade, tenho-vos batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo." - Marcos 1:8

Essa frase já nos apresenta mais de um batismo: João batiza na água; Jesus batiza no Espírito Santo.

Atos 19 confirma a distinção. Paulo encontrou discípulos que conheciam apenas o batismo de João. Ele explicou que João havia dito ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus Cristo. Eles foram então batizados em nome do Senhor Jesus e, em seguida, o Espírito Santo veio sobre eles quando Paulo lhes impôs as mãos.

Batizados em Cristo

Uma das realidades batismais mais profundas do Novo Testamento é a nossa identificação com o próprio Jesus Cristo.

"Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?" - Romanos 6:3

Paulo está descrevendo mais do que uma cerimônia exterior. A força da passagem é a união e a identificação. Somos batizados em Cristo, na sua morte e, portanto, na novidade de vida tornada possível pela sua ressurreição.

"Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo." - Gálatas 3:27

Ser batizado em Cristo é ser levado a uma nova identidade. A antiga identidade dominante em Adão já não tem a palavra final. Cristo se torna a esfera que define a vida do crente.

O batismo nas águas declara essa realidade com poder, mas a realidade em si é maior do que a água. O crente não é apenas batizado em um ritual. O crente é batizado em Cristo.

Batizados em um só corpo

"Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo... e todos temos bebido de um Espírito." - 1 Coríntios 12:13

Esse batismo é coletivo. O Espírito leva os crentes a um só corpo. O batismo, portanto, não diz respeito apenas ao meu relacionamento particular com Deus; ele anuncia o fim da identidade isolada.

Judeus e gentios, servos e livres - as distinções que Paulo menciona são distinções sociais reais, mas nenhuma pode ser

usada como base de superioridade espiritual em Cristo. O Espírito coloca todos em um só corpo.

Isso dá ao batismo um significado eclesial. Somos imersos em um povo. A Nova Aliança cria um corpo coletivo cuja vida é Cristo e cuja presença vivificadora é o Espírito.

Essa é uma das razões pelas quais o batismo nunca deve ser reduzido a uma conquista religiosa individual. Sua lógica mais profunda contradiz a jactância. Ninguém batiza a si mesmo no corpo. Somos recebidos em uma vida maior do que nós mesmos.

O batismo nas águas em nome de Jesus

O batismo nas águas está claramente presente no testemunho apostólico e não deve ser minimizado. Jesus ordenou que se fizessem discípulos e que fossem batizados. Atos registra repetidamente pessoas sendo batizadas ao receberem o evangelho.

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." - Mateus 28:19

"Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo..." - Atos 2:38

A linguagem apostólica centraliza o batismo no Nome e no senhorio de Jesus. O batismo nas águas identifica publicamente o crente com Jesus, com sua morte, seu sepultamento, sua ressurreição e seu povo.

Não é uma obra humana que conquista a salvação. Se tratado como um mecanismo meritório pelo qual obrigamos Deus, até o próprio batismo poderia ser convertido em obra morta. Mas, recebido com fé, é um ato de obediência e identificação dado por Deus.

A água não substitui Jesus. Ela testifica de Jesus. A cerimônia não produz a obra consumada da cruz. Ela declara participação nessa obra consumada.

Sepultados e ressuscitados com Ele

"De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos... assim andemos nós também em novidade de vida." - Romanos 6:4

O batismo nas águas dá forma visível a uma declaração espiritual: a velha ordem foi julgada na morte de Cristo, e uma nova maneira de viver começou na sua ressurreição.

Colossenses usa uma linguagem semelhante: "Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus" (Colossenses 2:12). Observe a expressão pela fé. Batismo e fé não são inimigos. O ato exterior e a confiança interior andam juntos.

O objetivo não é apenas ter tido uma experiência na água. O objetivo é andar em novidade de vida. O batismo aponta para frente, para uma maneira transformada de viver.

Jesus, aquele que batiza no Espírito Santo

Os quatro Evangelhos preservam o testemunho de que Jesus é Aquele que batiza no Espírito Santo. Isso não é uma especialidade carismática secundária. Pertence à identificação mais antiga do ministério messiânico de Jesus.

"Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo." - João 1:33

João batizava na água. Jesus imergiria as pessoas no Espírito Santo.

Antes de sua ascensão, Jesus disse aos discípulos que esperassem a promessa do Pai.

"Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias." - Atos 1:5

O Pentecostes é o cumprimento evidente em Atos 2. Os discípulos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

O propósito não era apenas uma euforia pessoal. Jesus ligou a vinda do Espírito ao poder para testemunhar. O Espírito imerge os crentes na atividade viva e na missão de Deus.

Batismo no Espírito e enchimentos repetidos

O livro de Atos usa várias expressões para a atividade do Espírito: batizados com o Espírito Santo, cheios do Espírito Santo, o Espírito caindo sobre as pessoas, o Espírito sendo derramado e pessoas recebendo o Espírito Santo.

Não devemos achatar todas essas expressões em uma fórmula artificial. Lucas está descrevendo uma realidade divina viva a partir de vários ângulos.

Pode haver uma recepção inicial ou um encontro batismal, mas Atos também registra crentes sendo cheios novamente. As mesmas pessoas cheias em Atos 2 são cheias de novo em Atos 4.

Isso sugere uma distinção importante: a linguagem do batismo enfatiza a imersão e a iniciação na esfera do Espírito; a linguagem do enchimento enfatiza o revestimento de poder e a

plenitude presentes. O Novo Testamento não nos convida a discutir terminologia enquanto negligenciamos a realidade.

A pergunta essencial não é se eu possuo o vocabulário correto. A pergunta essencial é se estou vivendo na realidade do Espírito que Jesus dá.

Água e Espírito são distintos, mas não concorrentes

O Novo Testamento pode colocar o batismo nas águas e o recebimento do Espírito Santo muito próximos, mas Atos também mostra que a ordem não é mecanicamente fixa.

No Pentecostes, arrependimento, batismo nas águas, perdão e o dom do Espírito são proclamados juntos. Em Samaria, as pessoas creram e foram batizadas nas águas, mas depois receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos dos apóstolos. Na casa de Cornélio, o Espírito Santo caiu antes do batismo nas águas, e Pedro então ordenou que fossem batizados nas águas. Em Éfeso, discípulos foram batizados em nome de Jesus e depois receberam o Espírito pela imposição de mãos.

A variação é instrutiva. Deus se recusa a nos deixar transformar realidades vivas em uma sequência rígida que o controle. Ainda assim, as próprias realidades continuam importantes.

O batismo nas águas e o batismo no Espírito não são rivais. Um identifica visivelmente o crente com Jesus e com o seu povo; o outro imerge o crente na presença e no poder do Espírito Santo. A igreja apostólica esperava tanto a confissão de Jesus quanto o dom ativo do Espírito.

O batismo do sofrimento

Jesus também usou a linguagem do batismo de forma metafórica para o sofrimento.

"Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" - Mateus 20:22

Mais uma vez, a imagem de fundo é a imersão. Jesus seria tragado pelo sofrimento e pela morte. Seus discípulos também participariam do custo de segui-lo.

Normalmente não é isso que os cristãos têm em mente quando listam os batismos fundamentais, mas o uso importa porque confirma que a linguagem do batismo é mais ampla do que apenas a água.

A vida de discipulado inclui a identificação com Cristo não apenas no poder da ressurreição, mas também no seu amor que se entrega, na sua obediência e na sua disposição de sofrer pela justiça.

E quanto ao "batismo com fogo"?

João disse que Aquele que viria batizaria "com o Espírito Santo e com fogo" (Mateus 3:11; Lucas 3:16). Essa expressão tem sido usada com frequência de forma positiva para fervor espiritual, purificação ou experiência intensificada.

No entanto, o contexto imediato também contém imagens de juízo: o machado posto à raiz, o recolhimento do trigo e a queima da palha. Portanto, o "fogo" não deve ser automaticamente tratado como uma experiência espiritual agradável à parte.

No mínimo, a expressão anuncia que a vinda de Jesus e do Espírito traz uma crise divina: purificação, separação e juízo. O

mesmo Messias que dá o Espírito também confronta tudo o que é contrário ao Reino de Deus.

Este é um ponto em que a leitura cuidadosa é mais importante do que slogans herdados. Devemos acolher o fogo de Deus conforme as Escrituras o definem, mas não devemos criar uma doutrina separada onde o texto pode estar falando do efeito investigador e julgador da vinda do Messias.

Um só batismo?

Paulo diz em Efésios 4:5: "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo." Como isso pode ser conciliado com Hebreus 6, que fala de "batismos"?

A resposta está no propósito diferente das passagens. Hebreus fala da doutrina dos batismos no plural, reconhecendo múltiplas abluções ou realidades batismais. Efésios enfatiza a unidade da igreja em torno de um só Senhor, uma só fé e uma só identidade batismal.

Paulo não está negando todo uso distinto da linguagem do batismo. Ele está declarando que o corpo de Cristo não possui batismos concorrentes que criam povos rivais. Em última análise, toda realidade batismal cristã legítima encontra sua unidade em Jesus Cristo e no único corpo formado nele.

Pluralidade de expressão não exige fragmentação de identidade.

Batismo e consciência

Pedro faz uma das advertências mais importantes contra uma compreensão meramente exterior do batismo nas águas.

"Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo." - 1 Pedro 3:21

Pedro se recusa a reduzir o batismo a lavar a sujeira do corpo. Seu significado está ligado à consciência, a Deus e à ressurreição de Jesus Cristo.

Isso ressoa fortemente com Hebreus, onde o sangue de Cristo purifica a consciência das obras mortas para servir ao Deus vivo. A verdadeira questão não é apenas a ablução exterior, mas uma relação interior com Deus tornada possível por meio de Cristo.

A forma exterior sem fé pode se tornar religião vazia. A afirmação interior sem obediência pode se tornar uma espiritualidade invisível, sem testemunho encarnado. O batismo bíblico une o interior e o exterior.

A doutrina dos batismos e a Nova Aliança

A antiga aliança continha abluções repetidas. A Nova Aliança não apenas acrescenta mais abluções religiosas. Ela nos leva à realidade para a qual as imagens de purificação apontavam.

Somos lavados, santificados e justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus (1 Coríntios 6:11). Jesus lava o seu povo. O Espírito nos imerge em um só corpo. O batismo nas águas dá testemunho público. A consciência é purificada. A velha identidade é sepultada. A nova vida é abraçada.

Portanto, a doutrina dos batismos é, em última análise, centrada em Cristo. Toda realidade batismal legítima nos afasta da confiança na cerimônia exterior como um fim em si mesma e nos conduz à participação na vida de Jesus.

Por que isso é fundamental

A doutrina dos batismos pertence ao fundamento porque o cristianismo não é apenas o acréscimo de novas informações a uma velha identidade. O evangelho nos leva a uma nova esfera de vida.

O batismo anuncia transição: da preparação de João para o cumprimento em Cristo; da ablução exterior para a consciência purificada; da identidade adâmica para a união com Cristo; do isolamento para um só corpo; da mera capacidade natural para a vida e o poder do Espírito Santo; da velhice da vida para a novidade de vida.

O batismo é a linguagem de ser levado para dentro de algo. O evangelho não apenas melhora a velha vida. Ele nos leva para dentro de Cristo.

Isso torna o terceiro fundamento uma progressão natural dos dois primeiros. Eu me arrependo das obras mortas. Coloco minha fé em Deus. Então sou levado às realidades batismais da Nova Aliança - para dentro de Cristo, para dentro do seu corpo, para a identificação pública por meio da água e para a vida do Espírito Santo.

Uma advertência necessária: não transforme o batismo em obra morta

Qualquer prática dada por Deus pode ser mal utilizada se a confiança humana se desloca de Jesus para a própria prática. A circuncisão foi dada por Deus, mas Paulo se opôs à confiança na circuncisão como base de justiça. A mesma advertência se aplica ao batismo.

Se creio que uma cerimônia tem poder salvador independentemente de Jesus, coloquei minha confiança no sinal em vez de colocá-la naquele que é significado. Se me glorio no

modo, na fórmula, no ministro, no local ou na sequência como base de superioridade, entendi mal o fundamento.

A doutrina dos batismos deve produzir uma identificação mais profunda com Cristo, e não um orgulho sectário mais profundo.

A água aponta para Jesus. O Espírito glorifica Jesus. O corpo pertence a Jesus. O Nome é Jesus. O fundamento nunca é a cerimônia em si. O fundamento é a realidade de Deus da qual a cerimônia dá testemunho.

O terceiro fundamento na prática

Receber a doutrina dos batismos é reconhecer que a vida cristã é uma vida imersa. Fui levado para dentro de Cristo. Pertenço ao seu corpo. Levo o seu Nome. Identifico-me com sua morte e ressurreição. Recebo o Espírito Santo que Jesus dá. Já não trato o cristianismo como um acessório religioso exterior ao meu velho eu independente.

O batismo nas águas deve ser honrado. O batismo no Espírito deve ser esperado, e não explicado de modo a ser descartado. A identificação coletiva deve ser abraçada. A união com Cristo deve permanecer central. E toda expressão exterior deve permanecer enraizada na fé em Deus, e não na confiança no ritual.

A doutrina é plural, mas o centro é um só:

Jesus Cristo.

Principais passagens para estudo adicional

Hebreus 6:1-2 - a doutrina dos batismos

Hebreus 9:8-14 - várias abluções e a consciência purificada

Marcos 1:4-8 - o batismo de João e Jesus, aquele que batiza no Espírito

Mateus 28:18-20 - o batismo no fazer discípulos

Atos 2:37-41 - arrependimento, batismo e o dom do Espírito

Atos 8:12-17 - batismo nas águas e posterior recebimento do Espírito

Atos 10:44-48 - o Espírito recebido antes do batismo nas águas

Atos 19:1-7 - o batismo de João, o Nome de Jesus, a imposição de mãos e o Espírito

Romanos 6:1-11 - batizados na morte de Cristo e ressuscitados para a novidade de vida

Gálatas 3:26-28 - batizados em Cristo e revestidos de Cristo

1 Coríntios 12:12-13 - batizados por um só Espírito em um só corpo

Colossenses 2:11-13 - sepultados e ressuscitados com Cristo pela fé

1 Pedro 3:18-22 - batismo, consciência e ressurreição

Efésios 4:1-6 - um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo

Mateus 20:20-23 - o batismo como imagem do sofrimento

Mateus 3:7-12 - Espírito Santo e fogo no contexto

4

A Imposição de Mãos

Hebreus 6:1-2

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." - Hebreus 6:1-2

O escritor de Hebreus identifica seis ensinos como pertencentes ao fundamento da compreensão cristã. Entre eles está uma doutrina muitas vezes praticada de forma casual, mal compreendida ou quase totalmente ignorada: a imposição de mãos.

Sua inclusão em Hebreus 6 significa que a imposição de mãos não era considerada pela igreja primitiva uma prática carismática incomum, reservada para ocasiões excepcionais. Ela fazia parte da instrução cristã elementar.

Só isso já deveria prender a nossa atenção. Se o escritor a chama de fundamental, não devemos tratá-la como algo secundário.

A imposição de mãos aparece em todas as Escrituras em vários contextos diferentes. Impunham-se as mãos sobre pessoas para abençoar. Impunham-se as mãos sobre sacrifícios em identificação. Impunham-se as mãos sobre pessoas para cura. Impunham-se as mãos sobre crentes em conexão com o recebimento do Espírito Santo. Impunham-se as mãos sobre indivíduos quando eram comissionados ou separados para tarefas específicas. Paulo falou abertamente de um dom espiritual concedido por meio da imposição de mãos.

O ato físico em si é simples. As realidades espirituais associadas a ele não são.

A doutrina da imposição de mãos revela algo fundamental sobre a natureza do Reino de Deus: Deus frequentemente escolhe ministrar por meio de vasos humanos.

Ele poderia agir independentemente de nós. No entanto, repetidas vezes Ele escolhe tocar uma pessoa por meio de outra.

A mão se torna um ponto de contato visível por meio do qual se expressam bênção, reconhecimento, identificação, cura, comissionamento ou impartição.

O poder nunca está na mão humana em si. A mão é o instrumento. A fonte é Deus.

1. A MÃO COMO INSTRUMENTO

Em todas as Escrituras, as mãos representam ação, autoridade, posse, trabalho, bênção e transmissão.

A Bíblia fala com frequência da mão de Deus, da destra de Deus, da obra das nossas mãos, de levantar mãos santas, de estender a mão e de colocar algo nas mãos de outra pessoa.

A mão representa aquilo que uma pessoa faz. Portanto, quando alguém coloca a mão sobre outra pessoa, há naturalmente um sentido de contato intencional.

A imposição de mãos não é, em primeiro lugar, um gesto místico. É um ato intencional.

Alguém está se identificando com outra pessoa, abençoando outra pessoa, reconhecendo outra pessoa, orando por outra pessoa, comissionando outra pessoa ou ministrando algo a outra pessoa.

O gesto dá expressão física a uma ação espiritual.

Isso é importante porque o cristianismo não é uma espiritualidade desencarnada. Jesus tocava as pessoas. Os apóstolos tocavam as pessoas. Os crentes se reuniam fisicamente. O pão era partido. A água era usada no batismo. O azeite era usado na oração. As mãos eram impostas sobre as pessoas.

Deus regularmente une ações visíveis a realidades invisíveis.

2. O FUNDAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

A imposição de mãos não se originou no livro de Atos. Suas raízes aparecem em todo o Antigo Testamento.

Um dos exemplos mais claros é Jacó abençoando Efraim e Manassés.

Gênesis 48:14: "Mas Israel estendeu a sua mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim..."

Jacó colocou intencionalmente as mãos sobre os filhos de José enquanto os abençoava. As mãos não criaram a bênção. Elas expressaram e acompanharam a bênção.

Isso estabelece um padrão bíblico importante: a imposição de mãos pode acompanhar a declaração e a impartição de bênção.

Um segundo uso importante no Antigo Testamento envolvia a identificação.

Levítico 1:4: "E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto..."

O adorador se identificava com o sacrifício. O animal ficava em relação com a pessoa que o apresentava. Mais uma vez, a mão expressava identificação.

O exemplo mais dramático aparece no Dia da Expiação. Levítico 16:21: "E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do

bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel..."

O gesto expressava visivelmente identificação e transferência. Isso não significa que toda imposição de mãos envolva a transferência de pecado. Claramente não envolve. Mas estabelece um princípio bíblico: a imposição de mãos pode representar identificação e a transmissão intencional de algo de uma parte para outra.

3. MOISÉS E JOSUÉ

Uma das passagens mais importantes para entender a imposição de mãos diz respeito a Moisés e Josué.

Deus disse a Moisés: "Toma Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e põe a tua mão sobre ele." - Números 27:18

Moisés então foi instruído: "E põe sobre ele da tua glória, para que lhe obedeça toda a congregação dos filhos de Israel." - Números 27:20

Essa é uma linguagem notável. Josué já possuía o Espírito. Ainda assim, Moisés foi instruído a colocar a mão sobre ele publicamente e pôr sobre ele parte da sua honra.

O ato envolvia reconhecimento. Envolvia sucessão. Envolvia comissionamento. Envolvia autorização pública.

Mais tarde, Deuteronômio diz: "E Josué, filho de Num, foi cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés tinha posto sobre ele as suas mãos..." - Deuteronômio 34:9

As Escrituras ligam diretamente a condição de Josué ao fato de Moisés ter imposto as mãos sobre ele. Não devemos enfraquecer o que o texto diz.

Seja qual for o mistério que permaneça na operação em si, as Escrituras apresentam a imposição de mãos como mais do que uma cerimônia. Algo foi reconhecido. Algo foi conferido. Algo foi publicamente reconhecido.

Josué não estava fabricando a sua própria autoridade. Nem Moisés estava inventando o chamado de Josué. Deus havia escolhido Josué. Moisés reconheceu o que Deus havia escolhido.

Impor as mãos sobre alguém não cria um chamado divino. Reconhece e participa daquilo que Deus está fazendo.

4. JESUS IMPUNHA AS MÃOS SOBRE AS PESSOAS

O ministério de Jesus dá à prática uma clareza ainda maior.

Marcos 6:5: "E não podia fazer ali obras maravilhosas; somente curou alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos."

Lucas 4:40: "E, impondo as mãos sobre cada um deles, os curava."

Jesus não precisava de contato físico para curar. Ele curou pessoas à distância. Ele falou palavras e pessoas foram curadas. Portanto, a imposição de mãos não era uma necessidade mecânica. Ainda assim, Ele frequentemente escolhia usá-la.

Por quê? Porque o toque comunica proximidade. Comunica envolvimento pessoal. Torna-se um ponto de contato entre quem ministra e quem recebe.

No ministério de Jesus, as mãos não eram apenas instrumentos de poder. Eram instrumentos de compaixão.

Ele tocou o leproso. Tocou os cegos. Tomou crianças nos braços. Impôs as mãos sobre os enfermos.

A imposição de mãos, portanto, revela algo sobre o coração de Deus, assim como sobre o poder de Deus. Deus não apenas ministra à distância. Em Jesus, Deus se aproximou.

5. JESUS ESPERAVA QUE SEUS SEGUIDORES FIZESSEM O MESMO

Marcos 16:18 registra: "Imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão."

Sejam quais forem as questões que cercam a história textual do final de Marcos, a prática em si é amplamente confirmada em outras partes do Novo Testamento. Os primeiros crentes fizeram exatamente isso. Impunham as mãos sobre as pessoas e oravam.

O princípio é simples: o povo de Deus se torna um instrumento disponível por meio do qual Jesus continua a ministrar.

O crente não é quem cura. Jesus é. A mão não contém poder independente. Mas o crente pode colocar a mão sobre outra pessoa com fé e obediência, esperando que Deus ministre.

Isso nos protege de dois erros opostos. O primeiro erro é a superstição. Jamais devemos imaginar que exista poder espiritual automático no toque humano. O segundo erro é a incredulidade. Não devemos reduzir a imposição de mãos a um gesto religioso sem sentido, quando as Escrituras repetidamente a associam a uma atividade espiritual real.

6. A IMPOSIÇÃO DE MÃOS E O ESPÍRITO SANTO

Atos apresenta vários exemplos marcantes em que a imposição de mãos está associada ao recebimento do Espírito Santo pelos crentes.

Atos 8:17: "Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo."

Atos 19:6: "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam."

Mais uma vez, o poder não se originava nos apóstolos. Pedro deixou isso inequivocamente claro ao longo de Atos. Mas Deus escolheu ministrar por meio do contato humano.

Essas passagens mostram que receber de Deus pode envolver outro crente. Essa é uma verdade importante.

As Escrituras apresentam algo maior do que uma espiritualidade isolada de "Deus e eu". Somos membros uns dos outros. A graça flui pelo corpo. O encorajamento flui pelo corpo. O ensino flui pelo corpo. A cura pode fluir pelo corpo. Os dons espirituais operam pelo corpo. A impartição pode acontecer pelo corpo.

Deus é a fonte. Mas as pessoas frequentemente são os vasos.

7. IMPARTIÇÃO

As palavras de Paulo a Timóteo estão entre os textos mais fortes do Novo Testamento a respeito da impartição espiritual.

1 Timóteo 4:14: "Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério."

2 Timóteo 1:6: "Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos."

Essas passagens não podem ser razoavelmente reduzidas apenas a um reconhecimento simbólico. Paulo liga o dom de Timóteo à profecia e à imposição de mãos.

A linguagem é direta. Paulo cria que algo havia sido genuinamente impartido.

Isso não significa que Paulo era a fonte do dom. Ele o chama de "o dom de Deus". Deus era a fonte. Paulo estava envolvido no meio.

Uma pessoa não pode dar aquilo que Deus não está dando. Um ministro não pode fabricar um dom. Ninguém pode distribuir chamados divinos segundo sua preferência pessoal. No entanto, as Escrituras claramente admitem que algo da parte de Deus seja comunicado por meio de outro crente.

Impartição não é uma pessoa se tornar a fonte da vida espiritual de outra. É Deus usando um membro do corpo para comunicar graça a outro.

8. PAULO ESPERAVA IMPARTIR

Romanos 1:11 é especialmente significativo: "Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados."

Paulo esperava impartir algo. Ele não disse: "Quero apenas ensinar vocês." O ensino certamente importava. Mas Paulo esperava algo mais do que informação. Ele antevia um fortalecimento espiritual por meio da presença e da interação pessoais.

O versículo seguinte imediatamente protege contra qualquer superioridade de mão única: "Isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, tanto vossa como minha." - Romanos 1:12

Isso é belo. Paulo esperava impartir. Paulo também esperava receber. Havia reciprocidade.

A verdadeira impartição não cria celebridades espirituais e seguidores dependentes. Ela fortalece o corpo. Reconhece que Cristo distribui graça por meio dos seus membros.

9. COMISSIONAMENTO E SEPARAÇÃO

Atos 13 oferece outro exemplo importante. Em Antioquia, profetas e mestres estavam servindo ao Senhor e jejuando. O Espírito Santo disse: "Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado."

Observe a ordem. Deus já os havia chamado. A igreja não inventou a tarefa. Os líderes não decidiram o que Saulo e Barnabé deveriam se tornar. O Espírito Santo já havia falado.

Então: "Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram." - Atos 13:3

A imposição de mãos confirmou e comissionou aquilo que o Espírito Santo já havia iniciado.

Isso nos dá um padrão seguro: a revelação precede o reconhecimento. O chamado precede o comissionamento. Deus escolhe antes que os homens reconheçam.

Líderes humanos jamais devem usar a imposição de mãos para fabricar ministérios. Devem reconhecer a atividade de Deus. Isso também protege as pessoas da manipulação espiritual.

Ninguém se torna apóstolo, profeta, pastor, mestre ou evangelista simplesmente porque outra pessoa impôs as mãos sobre ele. Cristo dá ministérios à sua igreja. A imposição de mãos pode reconhecer publicamente aquilo que Cristo já deu.

10. ORDENAÇÃO É RECONHECIMENTO, NÃO CRIAÇÃO

A igreja tem usado com frequência a palavra ordenação. Esse termo pode ser útil se for bem compreendido. Mas a ordenação é perigosa quando as pessoas imaginam que uma instituição cria o ministério de alguém.

Nenhuma organização cria um chamado. Nenhuma denominação cria um dom. Nenhum certificado cria uma unção. Nenhuma cerimônia cria autoridade espiritual.

Deus chama. Cristo dá. O Espírito capacita. O corpo reconhece.

A imposição de mãos pode, portanto, servir como um ato de reconhecimento e concordância. Aqueles que impõem as mãos sobre uma pessoa estão essencialmente dizendo: "Reconhecemos a graça de Deus sobre você. Concordamos com o que Deus está fazendo. Abençoamos você na tarefa que Ele lhe deu."

Isso é muito diferente de dizer: "Estamos lhe dando uma autoridade que se origina em nós."

A primeira postura produz servos. A segunda pode produzir hierarquia religiosa.

11. A ESCOLHA DE SERVOS

Atos 6 dá outro exemplo. Quando sete homens foram escolhidos para supervisionar uma distribuição prática dentro da igreja de Jerusalém, os apóstolos, "orando, lhes impuseram as mãos". - Atos 6:6

Esses homens já haviam sido identificados como possuidores de certas qualidades. Eram "de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria".

A imposição de mãos não compensava a falta de caráter. As mãos jamais devem ser usadas como substitutas do caráter.

Uma pessoa não se torna madura por receber imposição de mãos. Uma pessoa não se torna fiel por meio de uma cerimônia. Uma pessoa não se torna qualificada apenas porque alguém a reconhece publicamente.

Os homens de Atos 6 possuíam caráter comprovado antes de serem comissionados publicamente.

O dom jamais deve substituir o caráter. A unção jamais deve substituir a maturidade. A impartição jamais deve ser usada para desculpar a irresponsabilidade.

12. "A NINGUÉM IMPONHAS PRECIPITADAMENTE AS MÃOS"

Paulo faz a Timóteo uma advertência importante: "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos..." - 1 Timóteo 5:22

Esse único versículo demonstra que a imposição de mãos envolve responsabilidade. Por que Paulo advertiria Timóteo a não fazê-lo às pressas se isso não significasse nada?

O reconhecimento tem peso. O comissionamento tem peso. A afirmação pública tem peso.

Líderes podem participar do ministério de outra pessoa ao endossá-la publicamente. Portanto, o discernimento é necessário.

A igreja não deve confundir entusiasmo com maturidade, carisma com caráter, talento com chamado ou popularidade com aprovação divina.

A imposição de mãos jamais deve se tornar uma autorização casual.

13. AUTORIDADE ESPIRITUAL JAMAIS DEVE SE TORNAR CONTROLE

Como a imposição de mãos pode envolver reconhecimento, comissionamento e impartição, ela pode ser usada de forma abusiva.

Alguns têm tratado a impartição como se a vida espiritual pertencesse a personalidades de elite que a distribuem a crentes inferiores. Isso não é o Novo Testamento.

Jesus continua sendo o Cabeça. O Espírito Santo continua sendo quem dá. Todo crente tem acesso direto a Deus por meio de Jesus Cristo. Nenhum ministro se torna mediador de outra pessoa.

Há "um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem". - 1 Timóteo 2:5

Portanto, a verdadeira imposição de mãos nunca substitui o acesso pessoal a Cristo. Ela deve fortalecer esse acesso.

Jamais deve prender a pessoa ao ministro. Deve fortalecer a pessoa em Cristo.

Se alguém sai de uma reunião de impartição mais dependente da personalidade que ministrou do que de Jesus, algo deu errado. O ministério mais seguro sempre aponta para além de si mesmo.

14. O CORPO MINISTRA AO CORPO

A doutrina da imposição de mãos revela algo profundo sobre a igreja. Precisamos uns dos outros.

Essa afirmação precisa ser cuidadosamente equilibrada. Não precisamos de outra pessoa como mediadora entre nós e Deus. Mas precisamos, sim, do corpo de Cristo.

Paulo escreve: "Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular." - 1 Coríntios 12:27

A mão não é o corpo inteiro. Nem o olho. Nem o pé. Todo membro recebe vida do Cabeça, mas essa vida se expressa por meio do corpo inteiro.

Portanto, Deus regularmente ministra a um membro por meio de outro. Um ensina. Outro encoraja. Outro contribui. Outro lidera. Outro cura. Outro profetiza. Outro ajuda. Outro intercede. Outro impõe as mãos sobre alguém e ora.

Isso não é dependência espiritual. É interdependência espiritual.

15. A DIMENSÃO SACERDOTAL

Há também uma dimensão sacerdotal na imposição de mãos.

O sacerdote se coloca diante de Deus em favor dos outros e diante dos outros como representante da misericórdia e da bênção de Deus.

Sob a Nova Aliança, todo crente tem acesso direto a Deus por meio de Cristo. Ainda assim, os crentes também ministram uns aos outros.

A imposição de mãos se torna uma expressão visível do serviço sacerdotal.

Não estamos entre alguém e Deus. Estamos ao lado dessa pessoa diante de Deus. Essa diferença é enorme.

Não nos tornamos mediadores. Tornamo-nos ministros. Somente Jesus é o Sumo Sacerdote. Ministramos a partir do seu sacerdócio.

Portanto, quando impomos as mãos sobre alguém, nossa postura jamais deve ser: "Eu possuo algo que você não pode receber sem mim." Nossa postura deve ser: "Jesus está

presente. Estou unindo a minha fé à sua e me colocando à disposição como servo dele."

Essa postura mantém o ministério limpo.

16. A MÃO NÃO SUBSTITUI A FÉ

A imposição de mãos não é uma técnica. Não há fórmula bíblica em que o contato físico produza automaticamente resultados espirituais.

Simão, o mágico, entendeu mal isso em Atos 8. Ele viu os apóstolos impondo as mãos sobre as pessoas e tentou obter essa capacidade com dinheiro. Pedro o repreendeu duramente.

Simão viu a ação exterior. Ele não percebeu a realidade espiritual.

Esse continua sendo um perigo. As pessoas podem imitar um gesto sem possuir o coração, a fé, o chamado ou a autoridade que ele representa.

O Reino não pode ser reduzido a técnica.

A imposição de mãos precisa permanecer enraizada na fé, na obediência, no amor, no discernimento, na humildade e na dependência do Espírito Santo.

17. O PODER DA CONCORDÂNCIA

Há outra dimensão que vale a pena reconhecer. Quando crentes impõem as mãos sobre alguém em oração, a ação pode se tornar uma expressão de concordância.

Jesus disse: "Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito..." - Mateus 18:19

A imposição de mãos dá expressão física à fé compartilhada.

Um crente está dizendo a outro: "Estou com você. Concordo com o propósito de Deus para você. Uno a minha fé à sua. Abençoo o que Deus está fazendo. Não estou observando a sua necessidade à distância. Estou entrando em oração com você."

Há algo profundamente relacional nisso.

18. A BÊNÇÃO NÃO DEVE SER SUBESTIMADA

Também devemos recuperar a importância da bênção.

Jesus impôs as mãos sobre crianças. Mateus 19:15 diz: "E, tendo-lhes imposto as mãos..."

Marcos oferece um quadro ainda mais completo: "E, tomando-as nos seus braços e impondo-lhes as mãos, as abençoou." - Marcos 10:16

Não se menciona cura. Nem comissionamento. Nem ofício ministerial. Jesus simplesmente as abençoou.

Só isso já é significativo.

Há momentos em que impor as mãos sobre outra pessoa e abençoá-la é totalmente apropriado. Pais podem abençoar os filhos. Presbíteros podem abençoar crentes mais jovens. Crentes podem orar bênçãos uns sobre os outros.

Nem todo ato espiritual precisa ser dramático. A bênção é poderosa porque declara a intenção de Deus sobre outra pessoa.

19. IMPARTIÇÃO NÃO SIGNIFICA COPIAR OUTRA PESSOA

A impartição bíblica não significa tornar-se semelhante à pessoa que impõe as mãos sobre você. Paulo não precisava de outro

Timóteo. Jesus não produz clones espirituais.

A graça fortalece a identidade. A verdadeira impartição ajuda a despertar aquilo que Deus deseja dentro de quem recebe.

Ela não reproduz a personalidade, os maneirismos, o estilo de pregação, o vocabulário ou a cultura ministerial de outra pessoa.

Um pai espiritual saudável não cria cópias de si mesmo. Ele ajuda filhos e filhas a serem fiéis à graça que Deus colocou neles.

O objetivo não é imitar uma personalidade. O objetivo é a maturidade em Cristo.

20. VOCÊ NÃO PODE IMPARTIR O QUE NÃO CARREGA

Há também um princípio prático. Uma pessoa não pode impartir de forma significativa aquilo que nunca foi formado nela.

Podemos orar por qualquer coisa que Deus deseje dar. Mas a impartição nas Escrituras frequentemente flui por meio de alguém que genuinamente carrega algo.

Moisés carregava sabedoria de governo. Josué recebeu. Paulo carregava graça apostólica. Timóteo recebeu. Os apóstolos carregavam uma realidade experiencial do Espírito. Outros receberam por meio do ministério deles.

Isso não faz do vaso a fonte. Mas os vasos importam.

Paulo podia dizer: "Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo." - 1 Coríntios 11:1

Havia algo em Paulo que valia a pena receber. Portanto, a formação espiritual importa. Aquilo que carregamos afeta aquilo que liberamos.

Uma pessoa amargurada terá dificuldade em impartir paz. Uma pessoa controladora pode transmitir controle. Uma pessoa medrosa pode reproduzir medo. Uma pessoa profundamente formada no amor de Cristo pode ministrar a partir do amor.

É por isso que caráter e impartição jamais podem ser separados com segurança.

21. QUEM RECEBE TAMBÉM TEM RESPONSABILIDADE

Timóteo recebeu algo por meio da imposição de mãos. No entanto, Paulo mais tarde lhe disse: "Não desprezes o dom..." e "Desperta o dom de Deus..."

Receber não é o fim. A mordomia vem depois da impartição.

Isso é crucial. Às vezes as pessoas buscam repetidas imposições de mãos enquanto negligenciam aquilo que Deus já lhes deu.

Querem outra impartição. Outra reunião. Outra oração. Outro toque.

Mas Paulo não disse a Timóteo que procurasse outra pessoa para impor as mãos sobre ele novamente. Ele disse: desperte o que já está em você.

A impartição gera responsabilidade. A graça recebida precisa se tornar graça administrada.

22. IMPARTIÇÃO E MORDOMIA

Esse princípio se encaixa diretamente no movimento mais amplo do sacerdócio para a realeza.

O sacerdote se aproxima. O rei administra aquilo que lhe foi confiado.

A impartição, portanto, levanta uma pergunta: o que você fará com aquilo que recebeu?

Um dom não é apenas uma experiência. Um chamado não é apenas uma identidade. Uma unção não é apenas uma sensação.

Tudo o que Deus dá acaba se tornando mordomia.

Se foi dada graça de cura, sirva. Se foi dada graça de ensino, ensine. Se foi dada misericórdia, exerça misericórdia. Se foi confiada liderança, lidere com fidelidade. Se foi recebida revelação, viva com responsabilidade sob o seu peso.

A imposição de mãos pode marcar um momento. A mordomia determina o que esse momento se tornará.

23. POR QUE ESTE É UM PRIMEIRO PRINCÍPIO?

Podemos agora voltar à pergunta central. Por que Hebreus inclui a imposição de mãos entre as doutrinas fundamentais?

Talvez porque essa doutrina ensina várias realidades que todo crente precisa compreender desde cedo:

Deus opera por meio de pessoas.

Somos membros de um só corpo.

Coisas espirituais podem ser recebidas por meio de relacionamento e ministério.

Deus chama pessoas para tarefas específicas.

O corpo reconhece aquilo que Deus designou.

A graça recebida gera responsabilidade.

A autoridade espiritual precisa permanecer sob o senhorio de Jesus.

Essas não são verdades avançadas. São verdades fundamentais.

Um crente que não as compreende pode se tornar radicalmente independente ou perigosamente dependente. Ambos os extremos são prejudiciais.

O crente do Novo Testamento vive em relacionamento direto com Jesus enquanto permanece profundamente unido ao seu corpo.

24. ACESSO E IMPARTIÇÃO

Essa doutrina também pertence naturalmente à verdade do acesso.

Temos acesso direto a Deus por meio de Jesus. Esse acesso não nos isola uns dos outros. Ele nos capacita a servir uns aos outros.

Porque eu tenho acesso, posso orar por você. Porque você tem acesso, pode orar por mim.

Porque Cristo vive em seu corpo, um membro pode se tornar instrumento por meio do qual outro membro é fortalecido.

A imposição de mãos, portanto, não compete com o acesso direto. É uma das consequências do acesso direto.

Saímos da Presença carregando algo da Presença. Então ministramos aos outros. Isso é sacerdócio. Recebemos dele. Então liberamos o que recebemos.

25. "O QUE TENHO, ISSO TE DOU"

As palavras de Pedro à porta Formosa expressam esse princípio com poder: "Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou..." - Atos 3:6

Pedro entendia que algo lhe havia sido confiado. Ele não alegou ser a fonte. Logo em seguida, negou que o milagre tivesse acontecido por seu próprio poder ou santidade.

Mas também não fingiu que não tinha nada a dar.

Esse equilíbrio é essencial.

A falsa humildade diz: "Não tenho nada." O orgulho diz: "O que tenho se origina em mim." A humildade do Reino diz: "O que tenho veio dele, mas o que Ele me confiou está disponível para servir você."

Esse é o espírito da impartição.

26. O MINISTÉRIO DE IMPARTIÇÃO

Existe, portanto, um ministério legítimo de impartição.

Ele não deve ser sensacionalizado. Não deve ser comercializado. Não deve ser usado para criar cultos à personalidade. Não deve substituir o discipulado. Não deve contornar o caráter.

Mas também não deve ser negado. As Escrituras são explícitas demais.

Moisés impôs as mãos sobre Josué. Jesus impôs as mãos sobre os enfermos. Os apóstolos impuseram as mãos sobre os crentes. O Espírito Santo foi recebido em conexão com a imposição de mãos. Barnabé e Saulo foram comissionados por meio de oração e imposição de mãos. Timóteo recebeu um dom por meio da imposição de mãos.

O padrão é claro. Deus usa pessoas. E uma das maneiras pelas quais Ele expressa visivelmente essa verdade é por meio da imposição de mãos.

27. UMA DEFINIÇÃO SEGURA

Poderíamos definir a doutrina assim:

A imposição de mãos é um ato bíblico no qual um crente intencionalmente se identifica com outra pessoa, a abençoa, ora por ela, a comissiona, a reconhece ou ministra a ela como instrumento da graça e do propósito de Deus.

O ato em si não tem poder independente. Seu significado vem de Deus, da fé, do relacionamento e do propósito para o qual é realizado.

Nas Escrituras, pode acompanhar a bênção, a cura, o recebimento do Espírito Santo, a impartição, o comissionamento, a identificação, o reconhecimento de ministério e a concordância coletiva em oração.

28. A SALVAGUARDA CENTRAL

Uma salvaguarda deve governar tudo: Jesus continua sendo a fonte.

Nenhuma mão humana substitui a mão dele. Nenhum ministro substitui o ministério dele. Nenhuma impartição substitui a presença dele. Nenhum pai espiritual substitui o Pai. Nenhum apóstolo substitui Cristo. Nenhum presbítero substitui o Espírito Santo. Nenhuma cerimônia substitui a obediência.

A imposição de mãos só é segura quando a pessoa que impõe as mãos e a pessoa que recebe a ministração estão ambas olhando para além do instrumento humano, para Jesus.

29. O PRIVILÉGIO CENTRAL

E, ainda assim, não devemos permitir que o medo do abuso nos leve a negligenciar aquilo que as Escrituras nos dão.

É um privilégio extraordinário que Jesus permita que seu povo participe do seu ministério.

Podemos colocar a mão sobre alguém que está sofrendo e orar. Podemos abençoar uma criança. Podemos reconhecer um chamado. Podemos estar ao lado de alguém que está sendo enviado ao ministério. Podemos orar por cura. Podemos ministrar o Espírito Santo. Podemos impartir aquilo que Deus nos confiou.

Podemos dizer, na prática: "O que Jesus colocou em mim está disponível para servir você."

Isso não é grandeza pessoal. É mordomia.

30. DO ACESSO À EXPRESSÃO

A imposição de mãos ilustra um princípio que percorre toda a vida cristã: aquilo que chega até nós por meio do acesso tem o propósito de, um dia, encontrar expressão.

Entramos na sua Presença. Recebemos. Somos transformados. Levamos algo do encontro. Então outra pessoa é tocada porque estivemos lá.

Esse é o movimento do sacerdócio. Vamos em direção a Deus em favor das pessoas. Depois vamos em direção às pessoas carregando algo de Deus.

Não como mediadores. Não como donos. Não como celebridades espirituais. Como servos. Como sacerdotes. Como filhos. Como mordomos.

31. UM QUADRO FINAL

Talvez a imposição de mãos possa ser compreendida por meio de um quadro muito simples.

Um crente está diante de outra pessoa. Ele coloca a mão sobre ela.

E, silenciosamente, essa ação diz:

Estou com você.

Creio que Deus está agindo em você.

Concordo com o propósito dele para a sua vida.

O que Ele me confiou está disponível para servir você.

Reconheço que você pertence a Ele.

Abençoo você em nome de Jesus.

A mão é humana. A graça é divina. O vaso é temporário. A fonte é eterna. E tudo, em última análise, retorna a Jesus.

CONCLUSÃO

A imposição de mãos pertence aos primeiros princípios porque nos ensina como a vida de Cristo se move por meio do seu corpo.

Ela nos ensina que a graça é recebida diretamente de Deus, mas frequentemente ministrada por meio de pessoas.

Ensina-nos que o chamado se origina em Deus, mas pode ser reconhecido por outros.

Ensina-nos que a cura vem de Jesus, mas pode fluir por meio de mãos humanas.

Ensina-nos que os dons são dados por Deus, mas podem ser impartidos por meio de relacionamentos.

Ensina-nos que a bênção deve ser declarada e expressa.

Ensina-nos que aquilo que recebemos precisa ser administrado.

E nos ensina que a vida cristã jamais foi concebida para ser vivida em isolamento.

A mão em si não é santa por causa da carne que a forma. Ela se torna útil porque pertence a alguém rendido a Jesus.

Talvez esse seja o coração da doutrina: Jesus ainda impõe as suas mãos sobre as pessoas por meio das mãos do seu corpo.

E sempre que ministramos, abençoamos, curamos, comissionamos, reconhecemos ou impartimos, precisamos lembrar:

A mão é nossa. A graça é dele. A glória pertence inteiramente a Jesus.

5

A Ressurreição dos Mortos

UM PRIMEIRO PRINCÍPIO DA DOUTRINA DE CRISTO

Hebreus 6:1-2

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição... e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." Hebreus 6:1-2

Propósito deste estudo

A ressurreição dos mortos não é uma doutrina avançada reservada a especialistas. Hebreus a coloca entre os fundamentos elementares do ensino cristão. É uma das verdades sobre as quais tudo o mais é construído. O objetivo aqui, portanto, não é examinar cada ordem, posição, tempo ou distinção ligada à ressurreição, mas estabelecer com clareza e segurança a doutrina bíblica fundamental.

A confissão básica é simples: a morte não tem a palavra final. Jesus Cristo foi ressuscitado dentre os mortos e, porque Ele vive, os mortos serão ressuscitados. A esperança do crente não é apenas a continuidade da existência após a morte, mas a ressurreição - o levantar e a transformação da pessoa pelo poder de Deus.

Declaração fundamental

A esperança cristã é a ressurreição corporal. Jesus é o Senhor ressurreto, as primícias e o modelo do que há de vir. Haverá ressurreição tanto de justos como de injustos. Os que pertencem a Cristo serão, por fim, ressuscitados e transformados em conformidade com a sua vida e semelhança gloriosas.

1. A RESSURREIÇÃO É UM FUNDAMENTO, NÃO UMA QUESTÃO SECUNDÁRIA

Hebreus 6 chama a "ressurreição dos mortos" de primeiro princípio. Isso significa que ela pertence ao fundamento da compreensão cristã. Se a ressurreição for removida, o próprio evangelho é alterado. Paulo deixa isso inequivocamente claro em 1 Coríntios 15.

"E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé." 1 Coríntios 15:14

A fé cristã não repousa apenas nos ensinamentos de um mestre morto. Repousa sobre o Jesus vivo, crucificado e ressuscitado. A ressurreição confirma a sua identidade, declara a sua vitória sobre a morte e estabelece a esperança futura dos que lhe pertencem.

2. O QUE SIGNIFICA RESSURREIÇÃO

Ressurreição é mais do que sobreviver à morte. As Escrituras de fato falam de existência consciente além da morte física, mas a doutrina da ressurreição diz respeito a algo mais: os mortos são ressuscitados. A ressurreição é o ato de Deus de trazer a pessoa da morte novamente para a vida corporal.

É por isso que a ressurreição não deve ser reduzida à ideia de que a alma simplesmente continua a existir. A esperança bíblica olha para um ato futuro de Deus no qual a própria morte é vencida.

A ressurreição também é mais do que reanimação. Lázaro foi restituído à vida mortal e, mais tarde, morreu novamente. Jesus foi ressuscitado para uma vida sobre a qual a morte já não tem domínio.

"Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele." Romanos 6:9

Essa distinção é essencial. A ressurreição bíblica, em sua plena esperança da Nova Aliança, não é apenas um retorno à antiga condição. É a entrada em uma forma de vida que a morte jamais poderá conquistar.

3. JESUS É O CENTRO DA DOUTRINA

Não começamos a doutrina da ressurreição por nós mesmos. Começamos por Jesus. A ressurreição dele é tanto o centro histórico do evangelho quanto a garantia da ressurreição que há de vir.

"Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem." 1 Coríntios 15:20

A palavra primícias é importante. As primícias são o início de uma colheita, e não a colheita inteira. A ressurreição de Jesus, portanto, não é um milagre isolado. É a primeira expressão de uma colheita maior que vem a seguir.

"Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda." 1 Coríntios 15:22-23

A ressurreição de Cristo estabelece o padrão: Ele é o primeiro, e os que são dele o seguem.

4. A RESSURREIÇÃO É CORPORAL

O Novo Testamento não apresenta a ressurreição como uma fuga do corpo. Apresenta o próprio corpo como incluído na redenção. O corpo que é semeado em fraqueza e mortalidade é ressuscitado pelo poder de Deus.

"Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor." 1 Coríntios 15:42-43

Paulo não ensina que o corpo ressurreto é simplesmente o corpo atual consertado. Ele descreve continuidade e transformação. É verdadeiramente você, mas ressuscitado em uma condição adequada à era vindoura.

"Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso." Filipenses 3:21

A palavra "transformará" é crucial. A ressurreição inclui transformação. O que é mortal não permanece mortal. O que é corruptível não permanece corruptível.

"Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade." 1 Coríntios 15:53

A esperança da ressurreição, portanto, alcança até a nossa mortalidade física. A salvação não está completa enquanto a morte ainda prende o corpo. A vitória final inclui a derrota da própria morte.

"Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte." 1 Coríntios 15:26

5. TRAREMOS A IMAGEM DO CELESTIAL

A esperança de ressurreição do crente não é apenas que viveremos de novo. As Escrituras dizem que seremos conformados a Cristo. O propósito de Deus caminha em direção a um povo que traz a semelhança do seu Filho.

"E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial." 1 Coríntios 15:49

"Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos." 1 João 3:2

Isso não significa que os crentes se tornam Jesus em identidade ou divindade. Significa que a sua humanidade ressurreta é o modelo do nosso destino. Estamos sendo conformados à imagem do Filho, e a ressurreição leva esse propósito ao seu cumprimento corporal.

"Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho." Romanos 8:29

A esperança fundamental pode, portanto, ser expressa assim: o Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos não abandonará o seu povo à morte. Ele os ressuscitará e levará à plenitude o seu propósito redentor neles.

6. HAVERÁ RESSURREIÇÃO TANTO DE JUSTOS COMO DE INJUSTOS

A doutrina é maior do que a ressurreição apenas dos crentes. As Escrituras ensinam explicitamente uma ressurreição tanto de justos como de injustos.

"Tendo esperança em Deus... de que há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos." Atos 24:15

Jesus ensinou a mesma verdade:

"Vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação." João 5:28-29

Isso estabelece um ponto fundamental: a ressurreição é universal em seu alcance, mas não idêntica em seu resultado.

Justos e injustos são ressuscitados, mas as Escrituras distinguem seus destinos e seu juízo.

Para este estudo fundamental, basta estabelecer o fato. A relação detalhada entre ressurreição, juízo, ordem, tempo e recompensa pertence a um estudo mais aprofundado.

7. RESSURREIÇÃO E JUÍZO ANDAM JUNTOS

Hebreus 6 coloca a "ressurreição dos mortos" imediatamente antes do "juízo eterno". Essa sequência é significativa. A ressurreição leva a humanidade diante da consumação dos propósitos justos de Deus. A morte não apaga a prestação de contas.

"Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos." Atos 17:31

A ressurreição de Jesus, portanto, não é apenas consolo para os crentes; é também a garantia de Deus de que a história caminha para um juízo justo sob a autoridade do Cristo ressurreto.

8. A RESSURREIÇÃO ESTÁ LIGADA À VOLTA DE JESUS

O Novo Testamento liga repetidamente a ressurreição dos que pertencem a Cristo à sua manifestação e vinda.

"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido... e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro." 1 Tessalonicenses 4:16

Paulo usa essa verdade de forma pastoral. Ele não apresenta a ressurreição como teologia abstrata. Ele a entrega a crentes

enlutados como esperança. O cristão não se entristece como quem não tem esperança, porque a morte é temporária diante do poder do Cristo ressurreto.

"Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras." 1 Tessalonicenses 4:18

A ressurreição é, portanto, uma doutrina de consolo, expectativa e coragem. Aquilo que a morte parece levar para sempre, Jesus reivindica como sujeito à sua autoridade.

9. O MESMO ESPÍRITO QUE RESSUSCITOU JESUS HABITA NOS CRENTES

A ressurreição não é apresentada como um evento futuro desconectado. O mesmo Espírito Santo que ressuscitou Jesus já está operando naqueles que lhe pertencem.

"E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita." Romanos 8:11

Há aqui uma continuidade profunda: o Espírito que hoje habita no crente é o Espírito da ressurreição. A vida espiritual presente e a ressurreição corporal futura pertencem à mesma obra redentora de Deus.

Isso não significa que os crentes já experimentaram a ressurreição final. Significa que a vida da ressurreição vindoura já entrou em nós pelo Espírito como penhor daquilo que Deus completará.

10. A RESSURREIÇÃO TRANSFORMA A VISÃO CRISTÃ DA MORTE

Por causa da ressurreição, a morte continua sendo uma inimiga, mas uma inimiga derrotada. Os cristãos não precisam fingir que a morte é boa. As Escrituras a chamam de "o último inimigo". No entanto, a ressurreição significa que a morte não é definitiva.

"Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" 1 Coríntios 15:55

Isso muda a maneira como o crente vive. Se a morte não é final, então a fidelidade nunca é desperdiçada. O amor não é desperdiçado. A obediência não é desperdiçada. O sacrifício não é desperdiçado. O que é feito no Senhor tem significado além dos limites da vida mortal.

"Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor." 1 Coríntios 15:58

Observe o "portanto" de Paulo. A conclusão prática do grande capítulo da ressurreição é a firmeza. A ressurreição produz uma fidelidade duradoura.

11. A RESSURREIÇÃO NÃO É APENAS UM FATO FUTURO - ELA MOLDA A VIDA PRESENTE

Embora a ressurreição corporal permaneça futura, os crentes já são chamados a viver a partir do poder e do padrão da vida ressurreta de Cristo.

"De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida." Romanos 6:4

A ressurreição futura e a novidade de vida presente não devem ser confundidas, mas estão relacionadas. Aquele que nos ressuscitará naquele dia já nos chamou a andar na sua vida agora.

Assim, a doutrina da ressurreição não é apenas: "Um dia serei ressuscitado." Ela também declara: "O Jesus ressurreto é Senhor sobre a minha vida agora." A sua ressurreição estabelece uma realidade de nova criação na qual o crente já foi introduzido espiritualmente, enquanto aguarda a sua plena manifestação corporal.

12. A RESSURREIÇÃO DE JESUS É A GARANTIA DA NOSSA ESPERANÇA

A confiança do crente não se baseia em otimismo a respeito do destino humano. Ela repousa sobre algo que Deus já fez: Ele ressuscitou Jesus dentre os mortos.

"Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus." 2 Coríntios 4:14

A lógica da esperança do Novo Testamento é coerente: porque Jesus foi ressuscitado, os que lhe pertencem serão ressuscitados. O futuro repousa sobre a ressurreição já realizada de Cristo.

É por isso que Paulo pode chamar Cristo de "o primogênito dentre os mortos" (Colossenses 1:18), e Apocalipse o chama de "o primogênito dos mortos" (Apocalipse 1:5). Ele ocupa o lugar de supremacia e de princípio. A vida da ressurreição começa nele e flui dele.

13. HÁ INDICAÇÕES BÍBLICAS DE DISTINÇÕES - MAS ELAS NÃO SÃO O FUNDAMENTO

As Escrituras contêm uma linguagem que aponta para distinções dentro da doutrina mais ampla da ressurreição: "cada um por sua ordem" (1 Coríntios 15:23), uma "melhor ressurreição" (Hebreus 11:35), a "primeira ressurreição" (Apocalipse 20:5-6) e a linguagem singular de Paulo em Filipenses 3:11 a respeito de chegar à ressurreição dentre os mortos.

Essas passagens merecem um estudo cuidadoso. Podem envolver questões de ordem, participação, recompensa, reinado, tempo e glorificação. Mas essas questões vêm depois que o fundamento foi lançado.

O primeiro princípio deve permanecer claro antes que a arquitetura mais profunda seja explorada:

- Jesus verdadeiramente ressuscitou dentre os mortos.
- A sua ressurreição é as primícias e a garantia do que vem a seguir.
- Os mortos serão ressuscitados.
- Haverá ressurreição tanto de justos como de injustos.
- Os que pertencem a Cristo serão ressuscitados e transformados.
- O crente trará a imagem do celestial e será conformado à vida gloriosa de Cristo.
- A ressurreição conduz à consumação dos propósitos justos de Deus, incluindo o juízo.

Uma vez estabelecidas essas verdades, o estudante pode examinar com segurança as distinções sem perder o

fundamento.

14. O QUE A RESSURREIÇÃO DECLARA SOBRE JESUS

A doutrina da ressurreição é, em última análise, uma doutrina sobre o próprio Jesus. Ela declara que:

- Jesus venceu a morte.
- Jesus é Senhor sobre os vivos e os mortos.
- Jesus é as primícias da colheita vindoura.
- Jesus é o modelo da humanidade ressurreta.
- Jesus chamará os mortos para fora.
- Jesus levará à plenitude o propósito redentor de Deus.

Paulo, portanto, centraliza a proclamação cristã no Cristo ressurreto. A mensagem não é apenas que Jesus um dia viveu, ensinou e morreu. O evangelho declara que Ele está vivo.

15. O QUE A RESSURREIÇÃO DECLARA SOBRE O CRENTE

Para o crente, a ressurreição significa:

- A minha condição mortal presente não é a minha condição final.
- A morte não encerra o propósito de Deus para mim.
- O meu corpo está incluído na redenção.
- Não permanecerei na corrupção.
- Serei ressuscitado pelo poder de Deus.
- Trarei a imagem do celestial.

- Serei conformado à semelhança de Cristo na consumação do propósito de Deus.
- Portanto, posso viver fielmente agora, sabendo que o meu trabalho no Senhor não é vão.

16. POR QUE ESTE É UM "PRIMEIRO PRINCÍPIO"

Sem a ressurreição, o cristianismo se reduz a instrução moral, memória religiosa ou filosofia espiritual. A ressurreição anuncia que Deus pretende completar a redenção em seres humanos reais e em sua criação. Aquilo que Ele começou em Cristo, Ele levará ao cumprimento.

A doutrina estabelece várias convicções fundamentais:

- Deus é o Deus da vida. A morte não pode frustrar definitivamente o seu propósito.
- A criação importa. A redenção não termina com uma fuga do mundo material.
- O corpo importa. Deus redimirá e transformará aquilo que a mortalidade tocou.
- A história tem um objetivo. O Cristo ressurreto está conduzindo todas as coisas à sua consumação.
- A nossa identidade em Cristo tem uma manifestação futura. Aquilo que estamos nos tornando espiritualmente será, por fim, expresso na glória da ressurreição.

17. UMA CONFISSÃO SIMPLES DA DOUTRINA

Creio que Jesus Cristo foi ressuscitado corporalmente dentre os mortos. Creio que a sua ressurreição é as primícias e a garantia

da ressurreição que há de vir. Creio que haverá ressurreição tanto de justos como de injustos. Creio que os que pertencem a Cristo serão ressuscitados, transformados e conformados à sua semelhança gloriosa. Creio que a morte é uma inimiga, mas não a vencedora. Jesus é Senhor sobre a morte, e a sua vida de ressurreição terá a palavra final.

18. PRINCIPAIS PASSAGENS PARA ESTUDO ADICIONAL

Hebreus 6:1-2 - A ressurreição dos mortos como princípio fundamental.

João 5:28-29 - A ressurreição da vida e a ressurreição do juízo.

Atos 24:15 - Ressurreição tanto de justos como de injustos.

Romanos 6:4-9 - Cristo ressuscitado da morte; os crentes chamados a andar em novidade de vida.

Romanos 8:11 - O Espírito que ressuscitou Jesus vivificará o nosso corpo mortal.

1 Coríntios 15:12-58 - O capítulo mais completo do Novo Testamento sobre a ressurreição.

2 Coríntios 4:14 - O Deus que ressuscitou Jesus também nos ressuscitará.

Filipenses 3:20-21 - O nosso corpo transformado conforme o seu corpo glorioso.

1 Tessalonicenses 4:13-18 - Os mortos em Cristo ressuscitarão.

1 João 3:2 - Quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele.

Apocalipse 1:5 - Jesus, o primogênito dos mortos.

CONCLUSÃO

A ressurreição dos mortos pertence ao fundamento porque nos diz para onde o evangelho está indo. A cruz trata do pecado; a ressurreição declara a vitória da vida. Jesus não apenas sobreviveu espiritualmente à morte. Ele ressuscitou. E a sua ressurreição é o começo de uma colheita.

Para os que lhe pertencem, a expectativa final não é uma existência sem corpo, mas a ressurreição - a mortalidade absorvida pela vida, a corrupção revestida de incorrupção e o crente conformado à imagem do Filho ressurreto.

Mais adiante poderemos explorar ordens, distinções, recompensas, a primeira ressurreição e outras dimensões desta doutrina. Mas, antes de qualquer uma dessas questões, o fundamento precisa permanecer firme:

Jesus ressuscitou. Os mortos serão ressuscitados. A morte não terá a palavra final.

"Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo." 1 Coríntios 15:57

Juízo Eterno

O SEXTO FUNDAMENTO DE HEBREUS 6

Primeira versão para estudo e desenvolvimento

A pergunta

Hebreus 6:1-2 lista seis princípios que o escritor chama de fundamentais: arrependimento de obras mortas, fé em Deus, a doutrina dos batismos, imposição de mãos, ressurreição dos mortos e juízo eterno. Os cinco primeiros costumam ser discutidos extensamente. O sexto é frequentemente pressuposto, em vez de examinado. As palavras são familiares, mas familiaridade não é o mesmo que compreensão.

A expressão em si é simples: juízo eterno. No entanto, essas duas palavras levantam imediatamente uma pergunta maior. O que exatamente é o juízo que é eterno? O escritor está descrevendo um processo interminável de punição? Está descrevendo uma decisão judicial final? A ênfase está na duração da punição ou na permanência e autoridade do veredito de Deus? E, se é o veredito supremo de Deus, onde as Escrituras revelam o conteúdo desse veredito?

Não sou obrigado a preservar uma leitura convencional simplesmente porque ela é convencional. Minha obrigação é para com o texto e para com o Deus revelado em Jesus Cristo. Pesei a linguagem, o contexto e o testemunho mais amplo das Escrituras. Permaneço aberto à correção, mas não sou obrigado a permanecer indeciso. Creio que o sexto fundamento merece ser examinado como a decisão judicial eterna de Deus a respeito da obra consumada de Jesus Cristo e do destino final de sua criação.

Como chego a uma posição

Uma das perguntas que frequentemente faço àqueles que discordam de mim é simples: Como você chegou à sua posição? Se a resposta é "Foi isso que me ensinaram" ou "Sempre

acreditei nisso", não considero isso evidência suficiente. Essas afirmações podem explicar como uma crença foi herdada, mas não estabelecem se ela é verdadeira.

A tradição pode ser valiosa. Mestres podem ser dignos de confiança. Interpretações históricas podem merecer atenção cuidadosa. Mas nenhuma delas pode substituir o exame. Toda conclusão teológica séria deve estar disposta a enfrentar o texto, a linguagem, o contexto, as passagens relacionadas e o testemunho mais amplo das Escrituras.

Paulo escreveu sobre "comparar as coisas espirituais com as espirituais" (1 Coríntios 2:13). Esse princípio é importante aqui. Hebreus nomeia o fundamento, mas Hebreus 6:2 não oferece uma exposição completa de seu conteúdo. Se o significado do juízo eterno de Deus deve ser compreendido, as próprias Escrituras precisam fornecer o testemunho mais amplo.

O que significa "juízo"?

A palavra grega traduzida como "juízo" em Hebreus 6:2 é krima. A versão King James a traduz como "judgment" (juízo), e essa é uma boa palavra. Mas krima pode carregar o sentido de decisão judicial, veredito, sentença ou determinação. Ela não exige a ideia de um ato interminável de julgar. Um juiz ouve uma causa e profere uma decisão. A decisão pode ser final, ainda que o ato de decidir não seja repetido indefinidamente.

Essa distinção é importante. O pensamento religioso moderno frequentemente ouve a palavra juízo e pensa imediatamente em punição. Mas o juízo é maior do que a punição. O juízo é uma determinação a respeito do que é certo, do que é errado, do que deve permanecer, do que deve cair e de qual será a ordem final. A punição pode ser um elemento dentro do juízo, mas a punição não é uma definição completa de juízo.

Por isso estou disposto a ouvir a expressão "juízo eterno" como "o veredito judicial eterno de Deus" ou "a decisão judicial irreversível de Deus". A pergunta então passa a ser: O que Deus decidiu eternamente? Qual é o seu veredito final a respeito da criação, do pecado, da morte, da reconciliação e da obra do seu Filho?

A natureza redentora de Deus

Creio que a natureza, o plano e o propósito de Deus são, em última análise, redentores.

Isso não significa que o juízo seja irreal, que o pecado seja insignificante ou que a rebeldia não tenha consequência. Significa que nenhuma dessas coisas pode ser entendida como maior do que o propósito de Deus revelado em Jesus Cristo, ou contrária a ele. Os seus juízos são coerentes com a sua natureza, e a sua natureza não está dividida contra si mesma.

Se Deus é revelado em Cristo, então a redenção não é apenas uma atividade entre muitas; ela revela o seu coração e o seu propósito para com a criação. A cruz não é uma interrupção no plano de Deus, mas a sua revelação mais clara. Em Cristo, vemos que Deus confronta o pecado não como um fim em si mesmo, mas para vencer tudo o que destrói a comunhão com Ele e uns com os outros.

Isso dá ao juízo o seu devido lugar. Porque Deus é santo e amoroso, Ele precisa se opor ao pecado; porque Ele é redentor, a sua oposição ao pecado serve à restauração da criação, em vez de contradizê-la. O juízo, portanto, não é evidência de um propósito oposto à redenção, mas o meio pelo qual Deus expõe, derrota e finalmente remove tudo o que resiste ao seu propósito vivificador.

Portanto, quando me aproximo do tema do juízo eterno, faço-o com esta convicção: qualquer que seja o veredito judicial final de

Deus, ele precisa ser coerente com o Deus revelado em Jesus Cristo - o Deus que reconcilia, restaura, faz novas todas as coisas, destrói a morte e, por fim, se torna tudo em todos.

O juízo deve, em última análise, servir ao propósito redentor de Deus, e não competir com ele.

A obra consumada de Jesus

O centro dessa questão não é o fracasso humano, mas a obra consumada de Jesus Cristo. O Novo Testamento não apresenta a cruz como um experimento provisório. Apresenta-a como o ato decisivo de Deus.

Jesus declarou: "Está consumado" (João 19:30). Hebreus enfatiza repetidamente o caráter único e definitivo da sua oferta. Ele entrou uma vez no Santuário, "havendo efetuado uma eterna redenção" (Hebreus 9:12). Com uma só oblação Ele "aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (Hebreus 10:14). A linguagem é decisiva. Algo foi realizado que não precisa ser repetido.

Isso é particularmente importante dentro do próprio livro de Hebreus. O mesmo livro que fala de juízo eterno também fala de redenção eterna (Hebreus 9:12) e de herança eterna (Hebreus 9:15). Redenção eterna não significa que Cristo deva continuar morrendo para sempre. A redenção foi realizada, e a sua validade permanece. Herança eterna não significa um ato interminável de herdar. A herança pertence a uma ordem duradoura. Da mesma forma, juízo eterno pode descrever um veredito cuja autoridade e cujo resultado são permanentes.

Pergunto, portanto, se o sexto fundamento pode ser entendido em relação à finalidade da cruz: a declaração judicial de Deus de que aquilo que Jesus realizou permanece eternamente. O veredito não está aguardando a aprovação do pecado, da morte, do diabo, da rebeldia humana, da tradição religiosa ou de

qualquer poder contrário. Deus proferiu a sua decisão no seu Filho.

Reconciliação: o que Deus decidiu?

Colossenses 1:19-20 é uma das declarações mais claras do propósito divino: "Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas... tanto as que estão na terra como as que estão nos céus."

O alcance da declaração merece ser respeitado. O sangue da cruz está ligado à reconciliação de todas as coisas. Paulo não diz algumas coisas. Ele não limita a frase a uma nação, a uma geração ou a uma classe de pessoas. Ele usa deliberadamente uma linguagem abrangente: todas as coisas, tanto na terra como nos céus.

Segunda Coríntios 5:19 fala com força semelhante: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados." Mais uma vez, a reconciliação está fundamentada naquilo que Deus fez em Cristo. O apelo apostólico que se segue - "reconciliai-vos com Deus" - não diminui o ato realizado. Ele chama os seres humanos a despertar para aquilo que Deus fez e a participar disso.

Essa distinção é importante para a minha tese. As Escrituras podem falar de algo como realizado em Cristo enquanto a sua manifestação e a participação consciente se desdobram no tempo. O veredito de Deus pode estar estabelecido antes que toda criatura tenha entrado plenamente na experiência desse veredito. A obra objetiva pode estar consumada enquanto a criação ainda está sendo conduzida ao seu cumprimento revelado.

Todas as coisas reunidas em Cristo

Efésios 1:9-10 fala do "mistério da sua vontade" e então identifica o objetivo: "de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra." Essa não é uma ideia periférica. Paulo a chama de mistério da vontade de Deus e do seu beneplácito, que propusera em si mesmo.

A linguagem é, mais uma vez, abrangente. O propósito de Deus não é apenas resgatar indivíduos da criação; é reunir todas as coisas em Cristo. A direção da história bíblica não é uma fragmentação sem fim, mas a liderança final de Cristo sobre todas as coisas.

Se esse é o propósito revelado de Deus, então o juízo eterno não pode, em última análise, estabelecer uma ordem eterna rival na qual o pecado, a alienação e a morte sejam preservados para sempre como contradições permanentes ao propósito de Deus. O juízo de Deus precisa estabelecer aquilo que o seu propósito declarou.

A restauração de todas as coisas

Pedro falou em Atos 3:21 dos "tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio". A palavra grega comumente associada a essa expressão, apokatastasis, carrega a ideia de restauração ou reconstituição. Seja qual for o alcance que se atribua à passagem, Pedro claramente coloca a restauração dentro do horizonte profético do propósito de Deus.

Apocalipse termina com Aquele que está assentado sobre o trono dizendo: "Eis que faço novas todas as coisas" (Apocalipse 21:5). A declaração não é: "Faço algumas coisas novas." A ênfase está na renovação daquilo em que a criação se tornou sob o poder da morte e da corrupção.

Restauração não significa fingir que nada aconteceu. A restauração bíblica passa pelo juízo. O que é falso é exposto. O que é corrupto é consumido. O que é torto é endireitado. O que pertence à morte é destruído. A restauração não é uma tolerância sentimental do mal; é a vitória de Deus sobre o mal.

A destruição do último inimigo

Primeira Coríntios 15:20-28 pode ser a passagem mais importante para compreender a direção do propósito final de Deus. Paulo começa com a ressurreição e avança em direção à consumação. Cristo reina até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés. Então Paulo faz uma declaração impressionante: "O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte."

A morte não é preservada eternamente como um monumento ao fracasso humano. A morte é destruída. Cristo reina até que os inimigos sejam sujeitados. O reinado tem um objetivo. O objetivo não é apenas o domínio; é a remoção de todo poder concorrente até que o Filho entregue o Reino ao Pai e "Deus seja tudo em todos".

Essas palavras merecem todo o seu peso. Deus tudo em todos não é Deus em parte em todos, nem Deus tudo em alguns. É a descrição de Paulo da consumação após a ressurreição, o reinado, a sujeição e a destruição da morte.

Essa passagem molda fortemente a minha compreensão do juízo eterno. O veredito final de Deus não pode ser menor do que o resultado que Paulo descreve. Sejam quais forem os processos de juízo necessários, o destino é a derrota de todo inimigo, a destruição da morte, o reinado consumado de Cristo e Deus tudo em todos.

Misericórdia e juízo não são inimigos

Romanos 11:32 diz: "Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia." Paulo então irrompe em adoração: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Romanos 11:33).

É notável que Paulo fale dos juízos de Deus imediatamente após declarar o propósito da misericórdia. Em sua mente, juízo e misericórdia não são atributos rivais lutando pelo controle de Deus. Os juízos de Deus pertencem à sabedoria pela qual o seu propósito é realizado.

Isaías 26:9 oferece outra perspectiva importante: "havendo os teus juízos na terra, os moradores do mundo aprendem justiça." Ali o juízo ensina justiça. Primeira Coríntios 11:32 diz que, quando os crentes são julgados, são repreendidos pelo Senhor "para não sermos condenados com o mundo".

Mais uma vez, o juízo não é apenas retribuição; ele pode atuar de forma instrutiva, corretiva e redentora.

Isso não exige que todo juízo opere de forma idêntica. As Escrituras apresentam juízos de diferentes tipos. Mas isso me impede de presumir que a punição seja o único conteúdo ou propósito possível do juízo divino.

A mente carnal e o significado do juízo

A mente natural tende a ouvir o juízo em categorias de culpa, acusação, retaliação e punição. Essas categorias não são inteiramente falsas, mas são incompletas. Podem se tornar uma lente pela qual forçamos todo texto sobre juízo a assumir a mesma forma.

A pergunta espiritual é maior: o que Deus determinou endireitar? O juízo divino é a ação de Deus para estabelecer a verdade, a justiça, a ordem e o seu propósito. O Juiz de toda a terra fará o que é justo, mas a sua justiça não pode ser separada do caráter revelado em Jesus.

A mente carnal pode perguntar primeiro: Quem precisa ser punido? A mente espiritual é livre para perguntar: O que Deus determinou endireitar? Essa pergunta não elimina a prestação de contas. Ela coloca a prestação de contas dentro do propósito maior de Deus.

Minha tese a respeito do juízo eterno

Proponho, portanto, que o sexto fundamento de Hebreus 6 pode ser entendido como o veredito judicial final e irreversível de Deus a respeito da obra consumada de Jesus Cristo e do destino da criação nele.

O veredito é que o sacrifício do Senhor Jesus Cristo permanece eternamente. Por meio do sangue da sua cruz, a reconciliação foi realizada no propósito divino. O que estava alienado está destinado à reconciliação. O que estava fragmentado está destinado a ser reunido em Cristo. O que estava corrompido está destinado à restauração. Todo inimigo será sujeitado, a própria morte será destruída, e Deus será tudo em todos.

Nesse sentido, o juízo eterno não é, em primeiro lugar, uma declaração de que Deus continuará julgando para sempre. É a declaração de que o juízo de Deus é final. A sua decisão judicial não pode ser revogada. A cruz não falhará. O propósito do Pai não será frustrado permanentemente. O pecado não estabelecerá um reino eterno ao lado de Deus. A morte não permanecerá como rival eterna. A alienação não terá a última palavra.

Jesus terá a última palavra.

O veredito eterno é que aquilo que o Pai propôs em Cristo permanecerá. Está feito. Está consumado. Jamais voltará a ser contestado com sucesso.

Alguém pode perguntar: Se todas as coisas estão reconciliadas, por que o mundo continua em uma desordem tão evidente? O Novo Testamento regularmente mantém juntas a realidade realizada e a manifestação futura.

Cristo já derrotou a morte, mas as pessoas ainda morrem. Toda autoridade lhe foi dada, mas o próprio livro de Hebreus diz: "ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas" (Hebreus 2:8). Os crentes já estão assentados com Cristo nos lugares celestiais, mas continuamos a caminhar pela história. O Reino veio, mas ainda oramos: "Venha o teu Reino."

Portanto, a declaração de que a reconciliação foi realizada em Cristo não exige que finjamos que a sua plena manifestação já esteja visível. O veredito de Deus está estabelecido; a história está sendo conduzida à concordância com esse veredito. A cruz determina o fim antes que o fim seja visto universalmente.

Já realizado, mas ainda não plenamente revelado

É por isso que a palavra eterno é tão significativa. A decisão de Deus não é temporária. Ela não será revista. A criação não está caminhando para uma conclusão incerta. Está caminhando para o cumprimento do propósito que Deus já estabeleceu no seu Filho.

O que esta visão não significa

Esta interpretação não significa que o pecado seja inofensivo. Pelo contrário, ela torna a oposição de Deus ao pecado ainda mais absoluta. O pecado não pode permanecer. A morte não pode permanecer. A corrupção não pode permanecer. Tudo o

que é contrário à natureza e ao propósito de Deus precisa, finalmente, ser tratado.

Também não significa que as escolhas sejam irrelevantes ou que o juízo seja desnecessário. As Escrituras advertem repetidamente sobre consequências, prestação de contas, perda, disciplina, exclusão, fogo e juízo. Essas advertências precisam ter permissão para falar. Mas nenhuma delas deve ser interpretada de uma forma que, no fim, torne o mal mais permanente do que a redenção ou a morte mais duradoura do que a vida de Deus.

Não estou tentando aqui responder a todas as perguntas a respeito das eras, da Geena, do lago de fogo, da segunda morte ou da natureza e duração exatas de cada juízo. Esses assuntos merecem um tratamento cuidadoso próprio. Meu propósito é mais restrito: perguntar para onde o próprio sexto fundamento pode estar apontando, em última análise, quando a Escritura interpreta a Escritura.

Uma posição sustentada com a mão aberta

Pesei o texto, a linguagem, o contexto imediato e o testemunho mais amplo das Escrituras. Reconheço que esta interpretação difere da leitura convencional, mas não creio que a fidelidade exija que eu preserve uma conclusão tradicional quando a evidência bíblica parece apontar para além dela.

Minha posição é que o "juízo eterno" de Hebreus 6:2 pode ser entendido como o veredito judicial final e irreversível de Deus a respeito da obra consumada de Jesus Cristo. Por meio do seu sacrifício único e definitivo, o propósito do Pai foi assegurado: todas as coisas são reconciliadas em Cristo, toda contradição à sua vontade é, por fim, vencida, a própria morte é abolida, e Deus se torna tudo em todos.

Sustento esta conclusão com convicção, mas com a mão aberta. Se as Escrituras me corrigirem, devo me submeter às Escrituras. Mas, tendo pesado as evidências, creio que esta interpretação merece ser declarada com clareza e examinada com seriedade.

A questão não é se a minha posição é convencional. A questão é se ela é fiel à revelação de Deus em Jesus Cristo e ao testemunho das Escrituras.

O sexto fundamento

Os seis fundamentos de Hebreus 6 não são ensinos aleatórios. Eles formam um movimento: arrependimento, fé, batismos, imposição de mãos, ressurreição e, por fim, juízo eterno. A sequência não termina com uma opinião humana, mas com o veredito de Deus.

Creio que esse veredito é maior do que muitas vezes nos permitimos imaginar.

O juízo eterno de Deus é a sua decisão irreversível de que o seu propósito em Jesus Cristo prevalecerá. O sacrifício do Filho é suficiente. A reconciliação está estabelecida nele. A criação não permanecerá eternamente dividida contra o seu Criador. Toda contradição será, por fim, respondida pelo triunfo de Cristo. A morte será destruída. Todas as coisas serão reunidas nele. Deus será tudo em todos.

Isso não é uma negação do juízo. É o significado supremo do juízo: Deus decide o que, por fim, permanecerá.

E a sua decisão é eterna.

Principais passagens para estudo adicional

- Hebreus 6:1-2 - os seis princípios fundamentais

- Hebreus 9:12, 15; 10:10-14 - redenção eterna, herança eterna e a oferta única e definitiva
- João 19:30 - "Está consumado"
- Colossenses 1:19-20 - a reconciliação de todas as coisas pelo sangue da cruz
- 2 Coríntios 5:18-20 - Deus em Cristo reconciliando consigo o mundo
- Efésios 1:9-10 - todas as coisas reunidas em Cristo
- Atos 3:21 - a restauração de todas as coisas
- Romanos 5:18-19 - Adão e Cristo em paralelo
- Romanos 11:32-36 - misericórdia para com todos e os juízos insondáveis de Deus
- 1 Coríntios 15:20-28 - todo inimigo sujeitado, a morte destruída, Deus tudo em todos
- Isaías 26:9 - juízos que ensinam justiça
- Apocalipse 21:5 - "Eis que faço novas todas as coisas"